

adolescentes

tecendo

educação

idéias

ação

a

t

e

i

a



Conteúdo

	Tudo o que você queria saber...	04
Parte 1	ATEIA - Uma experiência metodológica	10
	Quem tem medo da adolescência?	16
	Choque de Linguagens	24
	Do saber ao aprender	32
	As Palavras e os Sentimentos das Autoras e Autores da Teia	40
	(ATEIA: como me serviu e como me servirá...)	42
	Metodologias de trabalho educativo com adolescentes	60
Parte 2	Oficina 1 - Identidade	66
	Oficina 2 - Adolescência	72
	Oficina 3 - Relações de gênero	76
	Oficina 4 - Relações de classes sociais	84
	Oficina 5 - Relações raciais	92
	Oficina 6 - Direitos sexuais e direitos reprodutivos	98
	Oficina 7 - Corpo	102
	Oficina 8 - Sexualidade e sexo seguro	108
	Oficina 9 - Contracepção	112
	Oficina 10 - Aborto	114
	Oficina 11 - Adolescentes são sujeitos políticos	120
	Referências Bibliográficas	124

Tudo o que você queria saber...

Este era o mote que dava início aos trabalhos do Projeto ATEIA. Antes, fazíamos as apresentações, falávamos sobre o projeto, um exercício aqui, outro ali para relaxar, aquecer, mas o principal se concentraria numa caixa de papelão vazia. Nela, 20 adolescentes iriam colocar suas perguntas sobre sexualidade. Foram cerca de 150 adolescentes a formular tantas e tantas perguntas.

Percorremos três das regiões do estado de Pernambuco. Na região do agreste, fomos a Castainho e Guaribas, ambas comunidades quilombolas; na zona da mata, fomos a Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta e Vicência; Na região metropolitana da capital fomos ao bairro de Amaro Branco, em Olinda, ao Morro da Conceição e à Região Político Administrativa (RPA 4)¹, ambos em Recife. Em todos esses lugares queríamos saber se o projeto que desejávamos realizar seria um projeto possível, se as respostas que tínhamos para perguntas ainda não pronunciadas seriam suficientes para instalar entre nós e essas/es adolescentes um diálogo.

Dentre tantas perguntas, uma para nós se fazia mais constante, surgindo invariavelmente a cada manhã de sábado, ao encontrarmos

1| *Região Político Administrativa 4 (RPA – 4)* – composta pelos bairros da Torre, Caxangá, Várzea, Torrões, Cordeiro, Madalena, Ilha do Retiro, Iputinga, Prado, Zumbi, Engenho do Meio e Cidade Universitária;

as/os adolescentes: por quê elas/es estão aqui? O que as/os atraía para esse momento, quando, na maioria das vezes, lá fora fazia uma linda manhã de sol? Por quê vinham para cá ao invés de estarem dormindo, jogando bola, assistindo TV, passeando, conversando ou, simplesmente, fazendo nada? A busca por essas e outras respostas nos levou a escrever esta publicação. Não temos certezas absolutas, mas muitas pistas, e estas podem ajudar a entender quais as dimensões metodológicas que possibilitam construir um espaço de reflexão e construção de conhecimentos com adolescentes com experiências em contextos tão diversos.

Nosso objetivo é refletir sobre a relação que se estabelece entre adolescentes e educadoras/es adultas/os numa situação de aprendizado diferente da escola formal. Assim, não trataremos apenas dos modos de fazer uma ação educativa, mas também dos lugares ocupados, em especial, pelos/as educadoras/es. Isto porque, à primeira vista, tudo é muito simples, fácil; difícil é a adolescência e seus conflitos

Esta experiência nos mostrou que se a adolescência é exaustivamente esquadrinhada, por outra parte as/os adultas/os que lidam com ela ora são vítimas, ora são algozes. Entretanto, poucas vezes pensam sobre os sentidos, os riscos e potencialidades dessa relação.

Isso é ainda mais pertinente quando sabemos que a nossa prática educativa é muito diferente daquela exercida na escola formal (será mesmo que é tão diferente assim?) e da relação entre adolescentes e adultas/os no ambiente familiar - referência fundamental na vida das meninas e dos meninos. A nossa presença é muito mais efêmera, nossa ação tem começo e fim muito determinados, dados não só pelas características da nossa intervenção, como pelo fato de que aquelas/es adolescentes brevemente deixarão de sê-lo. Se pensarmos bem, essa situação reflete o paradoxo da adolescência na nossa sociedade: um momento que deve passar, ao mesmo tempo em que tudo parece conspirar para que algo dele permaneça para sempre.

Para além do dilema “ficar/passar”, a prática educativa com adolescentes, em especial de baixa renda, que se pauta por relações democráticas, traz em si um outro campo de conflitos que é o lidar com as diferenças e, mais ainda, as desigualdades sociais.

Se, à primeira vista, tudo isso parece óbvio, trabalhar com essas diferenças e injustiças de modo a não reificá-las, mas também a não escondê-las, é um exercício muito delicado. Até porque a adolescência é mistificada como o momento onde tudo parece ser possível. Entretanto, a realidade das/os adolescentes pobres não descortina tantas possibilidades assim.

Entre o feijão e o sonho, como no título de um romance antigo, é que temos que construir o espaço da reflexão e, conseqüentemente, a relação entre elas/es e nós. Assim, depois de aproximadamente seis anos e de muitos sábados e domingos traman- do tantas teias, não temos como duvidar da força dos nossos diálogos, dos pontos e laços que se formaram e dos novos quereres e saberes que surgiram, fazendo nossas as palavras de uma adolescente ao dizer: “é tanta coisa que eu quero saber, que nem sei dizer agora”. É esse muito que aprendemos, apesar do tanto que ainda queremos saber, que com- partilhamos com vocês nas próximas pági- nas.

Agradecemos a Otávio Augusto de Andrade Valença, Simone Brito da Silva e Márcia Maria Cavalcanti Marcondes, integrantes do Projeto Pegapacapá que compartilharam parte dessa jornada, construindo conosco essa teia.

Boa leitura

Joana Santos, Simone Ferreira e Taciana Gouveia



ATEIA - Uma experiência metodológica	10
Quem tem medo da adolescência?	16
Choque de Linguagens	24
Do saber ao aprender	32
As Palavras e os Sentimentos das autoras e autores da Teia	40
<i>(ATEIA: como me serviu e como me servirá...)</i>	42

ATEIA - uma experiência metodológica

ATEIA. Não é fácil, à primeira vista, compreender o que essa palavra quer dizer. Melhor, entender, se entende, mas assim, solta, parece carecer de total significado, pois que é apenas uma das conjugações possíveis do verbo atear. Como sabemos, para que as palavras tenham sentidos e significados; é preciso complementos e contextos; sujeitos que as pronunciem e outros sujeitos que as entendam. Enfim, é preciso que sejam articuladas em processos que têm passado, presente e futuro.

As palavras, como as experiências, são produtos, invenções humanas. Contudo, o produzido e o inventado não surgem do vazio, mas sim, de outros processos e experiências, de palavras e fatos já existentes. Ou seja, criar não representa uma ruptura com todas as significações e sentidos instituídos, mas sim uma outra significação, uma outra interpretação, necessariamente compartilhada, para o mesmo mundo de objetos e palavras.

Foi assim que se construiu um outro significado para a palavra ATEIA, buscando-se dar sentidos novos a uma experiência metodológica, resultado da junção de um artigo com um substantivo e, ao mesmo tempo, da fusão de um objeto com a própria ação que lhe dá forma. Explicando: tomamos a idéia da teia de aranha como algo que se constrói a partir de um pequeno núcleo, entrelaçado em todos os seus espaços e que vai se expandindo a cada movimento realizado, aumentando assim os seus

espaços e conexões. Por outra parte, ao juntarmos o artigo e o substantivo em uma só palavra produzimos um sentido a mais para a experiência que iríamos desenvolver, trazendo para junto da teia de aranha o significado de avivar, fomentar, provocar, oriundos do verbo atear.

Deste modo, ATEIA sintetiza os princípios metodológicos que consideramos fundamentais para o desenvolvimento de uma ação educativa que buscou promover o usufruto dos direitos sexuais e reprodutivos junto a adolescentes de baixa renda do estado de Pernambuco.

Como já afirmamos, mesmo sendo esta uma nova experiência para os sujeitos envolvidos - educadoras/es e adolescentes - ela não é uma inovação na medida em que faz parte da história de uma organização feminista e, ao mesmo tempo, dialoga com os processos de ações educativas voltadas para adolescentes, sendo, portanto, dessa confluência que organizamos a experiência.

O ponto de partida foi a constatação de que em geral, mas também de modo particular, as/os adolescentes que estão em situação de pobreza, têm as vivências sexuais e reprodutivas como fatos da vida individual, como um destino natural sem conseguir articular tais experiências aos seus contextos sócio-políticos e, menos ainda, com a esfera dos direitos. Longe de ser esta uma dificuldade relacionada com as capacidades individuais é, ao contrário, um dos modos como se estrutura

a dominação nas nossas sociedades, pois a naturalização e particularização dessas vivências é uma maneira muito eficiente de vedar as possibilidades do questionamento das normas, ao mesmo tempo em que isenta de responsabilidade as instituições sociais e políticas que deveriam, por princípio e direito, oferecer as condições necessárias para que a sexualidade e a reprodução sejam vividas por todas as pessoas com autonomia e dignidade.

Esta compreensão política de que a sexualidade e a reprodução não são experiências privadas e individuais, mas o resultado de dinâmicas sociais marcadas pela desigualdade, está na base do projeto feminista. Como decorrência foi o feminismo que criou os conceitos de direitos sexuais e direitos reprodutivos, colocando-os como parte fundamental dos direitos humanos. No projeto Ateia trabalhamos estes conceitos a partir das definições de Ávila² (2000):

Os Direitos Sexuais são aqueles que asseguram a liberdade no exercício da sexualidade para as mulheres e homens viverem com autonomia suas opções sexuais com segurança, dignidade e respeito.

2| Ávila, Maria Betania – SOS Corpo – Gênero e Cidadania Documento interno. Citado no *Projeto Ateia: Cidadania e Cultura Popular – Tecendo Direitos Sexuais e Reprodutivos com Adolescentes e Jovens*. Recife, janeiro, 2001.

Desta forma, a igualdade é considerada um princípio fundamental para a plenitude desses direitos. Esses direitos são reestruturadores do conceito de cidadania, à medida em que ampliam sua ação para a vivência da sexualidade e devem ser definidos como parte dos Direitos Humanos.

Os direitos reprodutivos são aqueles que garantem a liberdade de escolha no campo reprodutivo, o que significa que eventos da concepção, gravidez, parto, superação da infertilidade, contracepção, aborto, adoção etc, devem ser vivenciados com igualdade e autonomia asseguradas pelos direitos sociais e individuais. Esses direitos são reestruturadores do conceito de cidadania, à medida em que ampliam sua ação para a vida reprodutiva e devem ser definidos como parte dos direitos humanos.

Tais conceitos definem os contornos da nossa metodologia, não apenas porque foram eles os temas fortes do projeto, mas principalmente por causa dos elementos que os constituem: as idéias de liberdade, autonomia, igualdade e cidadania. Se as pessoas adultas encontram sérias dificuldades para vivenciarem estas dimensões da vida, a complexidade aumenta no trabalho com adolescentes, ou melhor, quando lidamos com as pessoas reais e suas circunstâncias, mas também com a idéia de adolescência que, por sua vez, é entrecortada por todas as desigualdades de classe, raça e gênero.

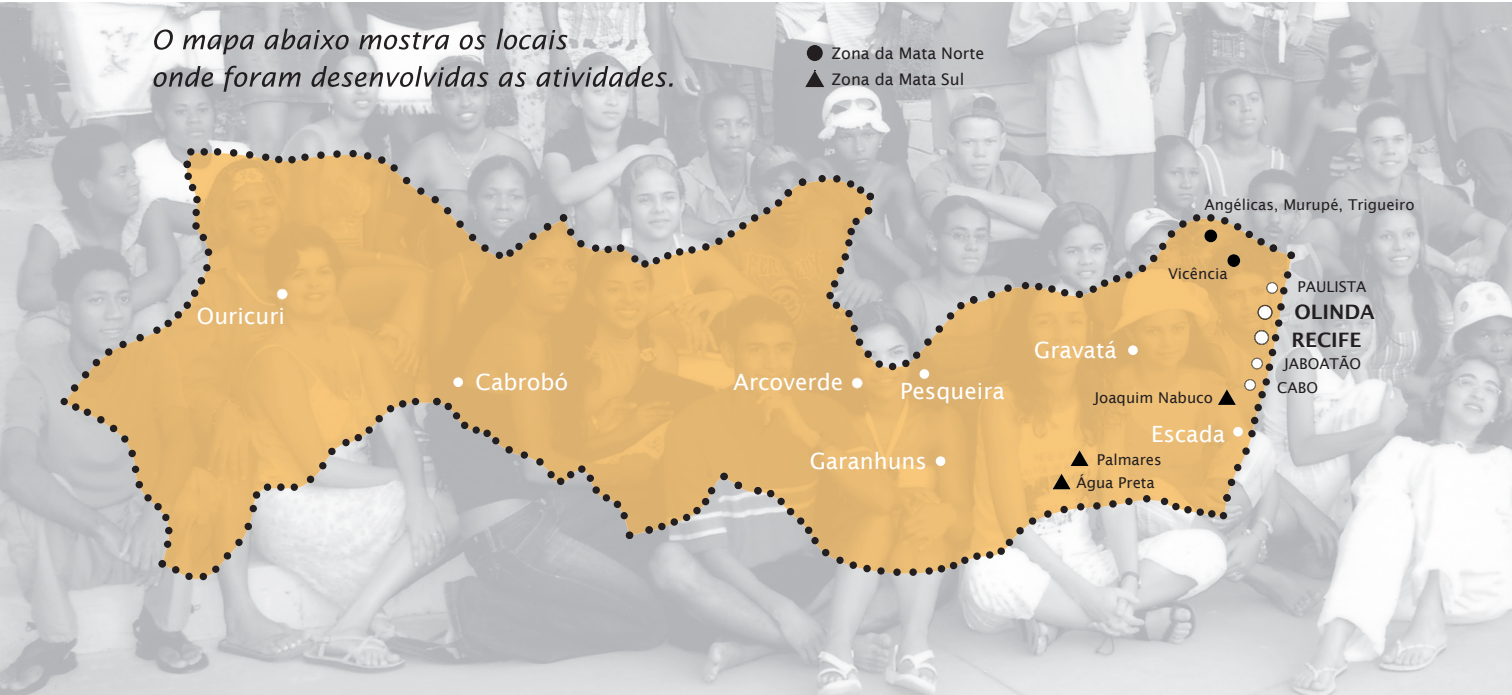
Uma das tensões mais fortes na construção de processos educativos com estes temas e para este público deve-se ao fato de que, usualmente, a linha adotada é a da prevenção da gravidez e das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), especialmente o HIV/Aids. Em que pese a importância dessas ações, consideramos - apoiadas nos conceitos de direitos sexuais e direitos reprodutivos - que elas são restritivas, na medida em que reforçam a idéia de que a sexualidade é uma espécie de campo minado. Por sua vez, isto também reduz as possibilidades de reflexão e de pensamento sobre as condições e contextos que produzem essa visão negativa da sexualidade na adolescência. Pelo exposto até agora, podemos indicar as questões chaves que nos desafiaram na construção e desenvolvimento da metodologia educativa: **a)** tratar a sexualidade e a reprodução nos marcos do direito e da cidadania, junto a um público que, dada as suas características etária, de classe, de raça (cerca de 70% das/os adolescentes com quem trabalhamos são negras/os) e de gênero (um pouco mais da metade são mulheres) vive cotidianamente em situação de pobreza e ausência de direitos; **b)** ampliar o escopo da ação educativa para além da dimensão preventiva; **c)** construir processos e espaços em que o exercício da reflexão e do pensar sobre si e sobre o mundo fosse a base da aprendizagem e de ações transformadoras;

d) construir e desenvolver um espaço pedagógico onde as noções de autonomia, liberdade e igualdade fossem experiências reais do método e do processo, e não apenas conceitos que se aprende.

Falando em experiências reais, já está na hora de apresentarmos quais foram as nossas condições concretas, ou melhor, o que em certa medida escolhemos para delimitar estas condições.

O público do projeto foi constituído por adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 18 anos. A maioria estava na escola, poucos/as haviam concluído o ensino fundamental e/ou ensino médio.

Residiam em bairros de periferia na capital e no interior do Estado de Pernambuco. Inicialmente, não estavam ligadas/os a grupos ou movimentos sociais. Este recorte se justifica em função das diversidades de estilos e jeitos de vida que demarcam a experiência adolescente. Além disso, esta delimitação possibilitou uma unidade entre os grupos que foram formados e facilitou as articulações e desenvolvimento das atividades político-formativas promovidas pelo Projeto. Os grupos foram formados por uma média de 20 adolescentes, estavam distribuídos em três regiões do Estado de Pernambuco, e tinham uma composição mista, ou seja, metade eram meninas e a outra metade, meninos.



As ações do Projeto ATEIA destinavam-se à difusão e construção de conhecimento e à mobilização sócio-política para defesa dos direitos sexuais e reprodutivos.

Para a efetivação destes objetivos, trabalhamos com a perspectiva do fortalecimento individual e coletivo das/os adolescentes enquanto sujeitos construtores de suas identidades, articulando as dimensões de classe, gênero, geração e raça.

Estas questões perpassaram todos os estudos e reflexões trabalhadas nos cinco anos do Projeto, pois levamos em conta as dificuldades que as/os adolescentes têm em acessar informações e serviços que garantem a vivência dos direitos.

Nas ações metodológicas do Projeto ATEIA utilizamos vários instrumentos pedagógicos, tendo como estratégia fundamental o fortalecimento da leitura e da escrita. Nas oficinas temáticas fizemos uso da leitura e interpretação de textos a partir da utilização de revistas, jornais, livros, exibição de vídeos, filmes, enfim, instrumentos que proporcionassem uma melhor interpretação da realidade social, reforçassem os conteúdos debatidos. Buscamos estimular a criatividade das/os adolescentes também por meio da utilização de músicas, poemas, cordel, dança e teatro, entre outros.

Os conteúdos foram desenvolvidos através de oficinas estruturadas a partir dos vários temas agrupados por módulos:

1. Identidade
2. Gênero, classe e raça;
3. Sexualidade, corpo e saúde;
4. Direitos sexuais e direitos reprodutivos;
5. Jovens e adolescentes enquanto sujeitos políticos de participação e construção de cidadania.

A estrutura modular possibilitou uma melhor adaptação do tempo para a realização das oficinas em consonância com as necessidades, demandas e ritmos de aprendizagem de cada grupo.

Muitos dos temas tratados – em especial aborto, homossexualidade e a dimensão das relações de gênero – provocaram, de modo bastante significativo, o pensamento e a ação das/os adolescentes, tanto por seu aspecto de novidade, no sentido da compreensão do mundo, quanto por confrontar crenças, valores e preconceitos.

Estas questões não se configuraram somente no plano dos debates sobre o tema, sendo um desafio permanente a construção de métodos que se aproximassem destas realidades e reforçassem nos grupos a busca de mecanismos de intervenção social e do seu fortalecimento, enquanto sujeitos políticos transformadores da realidade.

Neste sentido, utilizamos o intercâmbio de lugares e experiências entre os grupos, fortalecendo os vínculos entre elas/es, e também iniciativas de articulação, mobilização e formação com outras instituições, e com movimentos de adolescentes e de jovens, por meio do incentivo à sua participação em seminários, congressos e fóruns, assim como da participação das educadoras.

Ao poucos, os grupos, com diferentes graus de intervenção política ou de inserção social, foram afirmando sua identidade coletiva, tanto por meio da participação em processos sócio-político nos seus lugares de moradia, ações na comunidade, quanto por meio da promoção própria de ações educativas junto a outras/os adolescentes dessas áreas.

Isto significa que o Projeto, por meio da ação educativa, enfatizou a importância da construção de identidades: pessoal, social e coletiva, de modo que as/os adolescentes pudessem se sentir parte integrante e não uma/um mera/o participante e receptora/or da atividade. A idéia era, como já anunciava o educador Paulo Freire em sua primeira carta pedagógica³, possibilitar nas pessoas, através do ensino, da aprendizagem, a capacidade

de pensar, criticar e intervir na realidade social, política e histórica em que estão inseridas/os.

Concordamos com Paulo Freire quando afirma que a fonte de inspiração da ação educativa é a própria AÇÃO SOCIAL e esta é também fonte de elaboração da TEORIA e da PRÁTICA. Por isso, no Projeto ATEIA, a metodologia baseada no princípio da participação direta e no envolvimento das/os adolescentes na ação formativa foi requisito fundamental neste processo de construção de conhecimentos que, por sua vez, teve como elementos constituintes:

- 1 - A criação de espaços para as reflexões articulados com as vivências individuais e coletivas das/os adolescentes;
- 2 - A disponibilidade de informações articulando a teoria com a experiência concreta dos sujeitos envolvidos;
- 3 - A apropriação de informações por parte dos sujeitos sociais e a partir destas, a elaboração de novos conhecimentos de forma coletiva e articulada.

Este processo de aprendizagem possibilitou às/aos adolescentes se reconhecerem como construtoras/es de conhecimentos e de novas formulações no jeito de tecer as idéias e métodos trabalhados no Projeto, uma vez que, juntas/os readaptamos os contextos a partir das demandas e necessidades que foram apontadas.

3| FREIRE. Paulo. *Professora sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

Quem tem medo da adolescência

Por que tanto se diz, escreve, reclama, comenta sobre as imensas dificuldades em se desenvolver atividades educativas com as/os adolescentes? Que lugar essa fase da vida ocupa na nossa sociedade, fazendo com que criemos dela uma imagem tão cristalizada de rebeldia, desinteresse por assuntos sérios, falta de atenção e dispersão?

E mais ainda, por que precisamos dessa idéia de adolescência / caos – ou “aborrecência” – para com elas/es conviver?

A adolescência é uma criação histórica recente – pós segunda guerra mundial – e um mito que aprisiona, como é da natureza de todos os mitos. Temos a mania de dizer que a adolescência é uma fase de transição. Engraçado, se pensarmos bem, todas as nomeadas fases da vida são de transição, na verdade todos os dias estamos transitando de um lugar para o outro, de uma experiência para outra. O que o momento da vida que vai dos 12 – 13 anos aos 18 – 19 anos tem de tão especial a ponto de lhe conferir um ar de ebulição, provocando fascínio e susto? Escrever a frase anterior já trouxe uma outra dificuldade, pois definir quando começa e quando termina a adolescência tem se tornado meio complicado, já que a cada dia parece haver uma expansão desse tempo, tanto para um lado, quanto para o outro. Pois é, essa expansão do tempo do ser adolescente parece indicar que mesmo com toda “chatice” a adolescência tem um certo valor.

O tempo se expande. Por que? Descoberta da ciência ou necessidade histórica e social? Fiquemos com a segunda possibilidade até mesmo porque as descobertas da ciência também são históricas e sociais, mas isso já é outro assunto. Voltemos ao nosso problema.

Um dos fatos que explicam a centralidade da adolescência na nossa sociedade, derivando daí a tão comentada transição, é que a partir deste momento se estabeleceu que os meninos e as meninas estariam aptos para ingressar no mundo adulto, em função das capacidades reprodutivas e produtivas. A estas se agrega uma outra condição - ainda que um tanto quanto imprecisa – a possibilidade de viver independente das pessoas adultas.

Bem, quando olhamos mais de perto percebemos que o que foi escrito fica um pouco descolado do real.

O critério de viver independente de uma pessoa adulta varia muito mais em função da classe social a que se pertence do que a idade que se tem. Crianças que vivem na miséria e na pobreza cuidam de si mesmas com as precárias condições que lhes são perversamente impostas. Por outro lado, há adolescentes de 18 anos que simplesmente não sabem como cuidar de suas roupas ou preparar seu alimento.

O mesmo se aplica à capacidade produtiva. Aqui não é necessário dizer muito, pois a existência de políticas públicas para combater o trabalho infantil comprova que a capacidade para produzir não se constitui a partir da entrada na adolescência. O pertencimento a uma dada classe social é que vai constituir esta possibilidade aliado à dimensão de gênero, já que desde muito cedo as meninas realizam o trabalho doméstico que, justo por ocorrer no âmbito privado, só muito recentemente começou a ser combatido através de políticas públicas.

A capacidade reprodutiva geralmente se estabelece na adolescência, mas isto não pode ser suficiente para transformar esse momento da vida em tanta turbulência e desassossego, pois assim ela seria uma experiência unidimensional, ou pior, um momento em que vivemos apenas sob o domínio da natureza. Estranho, no mínimo.

Para que a reprodução possa existir é preciso atravessar o campo da sexualidade e esta, por sua vez, não surge na adolescência, mas é uma possibilidade que está presente nas pessoas desde o nascimento até a morte. A sexualidade que aqui falamos, que na verdade deve ser escrita no plural já que suas possibilidades são múltiplas e, se referem às experiências prazerosas que podemos ter com o nosso corpo e não apenas ao que se

convencionou chamar ato sexual. Ainda que a reprodução só possa se dar a partir de um determinado momento na vida de cada uma/um, e que não é o mesmo para todas as pessoas, as normatizações do corpo sexual também ocorrem bem antes da adolescência - continuando para além dela – e têm uma marca muito forte da dimensão de gênero. Não é preciso usar muitas palavras para confirmar o que estamos dizendo, pois apesar das conquistas e das transformações que as mulheres provocaram no mundo, a plena liberdade para exercer a sexualidade ainda está longe. Além disso, a capacidade reprodutiva, que é alvo de tanta preocupação adulta com a adolescência, não tem o mesmo peso para os meninos que tem para as meninas, até porque eles e elas recebem orientações completamente distintas: para os primeiros a obrigatoriedade de transar; para elas o interdito a essa experiência. Muitas/os podem imaginar que as palavras acima estão para lá de ultrapassadas. Grande engano! Em um questionário que aplicamos com as/os adolescentes do Projeto ATEIA em 2003, perguntamos qual a importância da virgindade para as meninas e para os meninos. No primeiro caso, a maioria das/os adolescentes não condicionava a perda da virgindade ao casamento, contudo fazia referências à pessoa certa, momento especial e ao amor. Quando o que estava em jogo era a virgindade dos meninos, grande parte das respostas não lhe conferia importância alguma, inclusive

muitas delas afirmavam não existir meninos virgens, ou seja, a força da idéia de que a prática sexual é um componente fundamental da identidade masculina parece criar uma impossibilidade no imaginário deles e delas para pensar a virgindade no masculino.

O contraditório é que a responsabilidade de evitar a gravidez é dirigida a quem, por princípio moral, não deveria estar transando e não para aqueles que são quase que obrigados a ter várias experiências sexuais.

Mas será que essa situação muda com o fim da adolescência? Sabemos que não, as mulheres adultas continuam a ser capazes e responsáveis pela reprodução, enquanto que os homens, bem, na maioria dos casos, continuam sendo apenas capazes.

Se não podemos definir a adolescência por nenhum dos critérios acima apresentados, ao mesmo tempo em que concretamente sabemos que adolescentes existem, como explicá-la? Como entender o tanto de fascínio e susto que esse momento da vida provoca? Como construir processos educativos que lhes possibilitem pensar e agir no mundo de modo a que elas/es tenham uma vida própria?

Um bom começo talvez seja ouvir o que meninas e meninos dizem sobre o ser adolescente:

É ser responsável por tudo o que você faz na vida.

Roberta, 14 anos

É ser compreensivo, atraente, respeitar os pais e ter respeito dos outros.

Toniere Barbosa, 16 anos

É ser um pouco feliz, dona dos nossos direitos, saber como utilizarmos, a hora certa e errada.

Josene, 13 anos

É poder fazer uma série de coisas, andar sem hora para chegar, se divertir com os amigos.

Jodorme Barbosa, 18 anos

É se divertir, namorar e ser responsável, até porque podemos fazer alguma besteira, mas é divertido.

Fabiana Izídio, 14 anos

É ser responsável.

João, 14 anos

É um começo da aprendizagem, pois passamos por várias e novas experiências. Assim criamos nossa personalidade para sermos algo no futuro.

Elitânia Maria Nascimento, 16 anos

É ser livre, é uma coisa legal.

Gustavo Gonçalves, 13 anos

Ser adolescente é uma fase muito complicada da vida, nós não sabemos o que realmente queremos de verdade.

Daniela, 15 anos

É ser livre e desimpedido, para fazer o que quiser, é o tempo de se divertir, porque só se é adolescente uma vez na vida.

Jucelino Mendes Barbosa, 14 anos

É começar a adquirir consciência de ter responsabilidade para com os outros. É ter a capacidade de enxergar as oportunidades da vida e agarrá-las com todas as suas forças.

Bruna, 16 anos

Ser adolescente é estar aprendendo o que é viver em sociedade, seja organizada ou não.

João Paulo, 14 anos

É muito bom porque é uma fase de descoberta que você passa, mas também ser adolescente não quer dizer que você seja uma pessoa fora do seu normal.

Roscicleide, 18 anos

É ser 50%.

Sulamita Santos, 14 anos

Estas são as definições mais comuns que encontramos entre as/os adolescentes dos quatro primeiros grupos com os quais trabalhamos. Em que pese as pequenas diferenças encontradas nas respostas de meninos e meninas, o que chama a atenção é a presença das noções de liberdade, respeito, responsabilidade como definidoras do ser adolescente, articulada ao sentido de futuro. Não há infelicidade, nem turbulência (apenas uma resposta faz menção às complicações), mas sim uma certa felicidade que essas idades parecem trazer.

Contudo, duas respostas têm conteúdos diferentes e significativos: a afirmação da normalidade e a idéia de que se é pela metade, portanto um ser não sendo. Pois é, uma menina de 14 anos apontou para a tensão da adolescência em um sentido muito semelhante ao do psicanalista Contardo Calligaris⁴, que afirma ser difícil precisar não o momento de entrada na adolescência, mas os tempos e caminhos labirínticos de sua saída. Seria uma espécie de moratória, ou um jogo de esconde-esconde, em que a/o adolescente busca pistas e em um momento ela/e recebe como resposta “tá quente” para no momento seguinte ouvir: “tá frio”.

4| CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha explica).

Como saber que não se é mais? Pode-se escolher não ser mais adolescente? Seria tendo filhas/os? Trabalhando? Saindo da casa das/os adultas/os? Casando? Tendo mais de 20 anos – ou será de 18? Todas as alternativas? Impossível responder, impossível ter alguma certeza.

A única coisa certa, mesmo, é que o mundo adulto é o lugar de chegada, o 100%, o tudo pronto, resolvido, com autonomia e, portanto, com direito de escolha, o momento do poder. Nessa linha de raciocínio, é fundamental que as/os adolescentes sejam bem preparadas/os para pertencer a esse universo.

Sendo a adolescência esse tempo de transitória preparação, por que muitas vezes agimos como se fosse um momento de graves e fatais definições? É muito comum que as políticas e ações voltadas para esse público tenham um caráter preventivo – da gravidez, das DSTs e HIV/Aids, das drogas ilícitas, da marginalidade. Não queremos dizer que tais ações sejam desnecessárias, muito pelo contrário – porque a reflexão sobre estes temas faz parte do nosso projeto- o que questionamos é que em muitos casos elas se transformam em alarmes, crônicas de desgraças anunciadas, como se fosse impossível construir soluções, encontrar alternativas, resgates, retornos. Estas situações podem ser vividas – e o são – na fase adulta com

riscos e dificuldades semelhantes àqueles encontrados na adolescência. Mas como isso pode ser feito se construímos um discurso no qual a adolescência é um passeio num campo minado? Se a definimos apenas pela negativa, onde o ‘não pode’ / ‘não deve’ é sempre mais freqüente que o sim? Quem escolhe as escolhas?

Pensamos que mais do que proteção, as/os adolescentes necessitam ser compreendidas/os como sujeitos e isso não significa homogeneizá-las/os, apagando as diferenças entre elas/es e as/os adultas/os. Até porque muitas destas supostas diferenças já são cotidianamente anuladas em função das imensas desigualdades de classe, gênero e raça, terminando por constituir um cenário em que os meninos e as meninas não têm a proteção que lhes caberia como adolescentes, nem os direitos que deveriam ter por exercerem ações e terem responsabilidades que, em tese, deveriam ser das pessoas adultas.

Assim, estabelece-se um vazio entre o discurso e a realidade. Vazio este vez por outra preenchido pelo outro lado da moeda – mito da adolescência: a personificação da beleza e energia, a fase mais divertida da vida. Ficamos fascinadas/os com tanta magia. Pois é, o mundo das imagens torna as pessoas que estão nesta faixa etária o modelo a ser preservado, nem que seja um pouquinho, nem que seja no espírito.

Inventa-se um poder adolescente assentado em uma idéia de liberdade frágil e falsa, porque as/os adolescentes só são livres para serem adolescentes! E ainda assim não é de qualquer tipo: é só o da revista, o da tv, do shopping, da banda do momento, parecendo reeditar e eternizar, a cada nova geração, o jingle de uma já muito antiga propaganda de jeans: “liberdade é uma calça velha azul e desbotada que você pode usar do jeito que quiser, não usa quem não quer...” Será essa a possibilidade de escolha que está posta como opção que o mundo adulto oferece às/aos adolescentes: usar ou não um modelo - original para quem pode pagar por ele, fake para quem não cabe na imagem branca, rica e urbana? Onde estão os sujeitos dessa história? E as/os adolescentes rurais? E as/os das periferias?

Para nós, tratar as/os adolescentes como sujeitos é, em primeiro lugar, acreditar no que disse uma adolescente, “ser adolescente não tira ninguém do seu normal” e, por assim o ser, temos que reconhecer que elas e eles têm capacidade de refletir, pensar, decidir e agir. Dar-lhes espaço, portanto, para construir sua autonomia, suas possibilidades de vida.

Este reconhecimento da normalidade adolescente deve ser acompanhado da certeza de que elas/eles são inteiras/os e não pela

metade.

Seria fácil se não implicasse em uma necessária diminuição da autoridade adulta, se não requisitasse uma prática cotidiana e democrática de compartilhamento do poder, se não estivesse ancorada no saber que é possível estabelecer relações igualitárias entre pessoas diferentes.

Estamos nós, adultas/os, preparadas/os e dispostas/os a isso? Vamos quebrar o mito e perder o medo de encontrar a multiplicidade das experiências, saberes e quereres das/os adolescentes que são alegres, tristes, assustadoras/es, encantadoras/es, lentas/os, apressadas/os, revoltadas/os, conformadas/os, mas inteiramente normais.



Choques de linguagens

Manhã de sábado. Chegando ao local da oficina, o som e o volume da música brega anuncia que as/os adolescentes já estão a nos esperar. A música que toca nos incomoda, afinal somos educadoras/es e aquelas letras simples, muitas vezes repletas dos mais antigos preconceitos, principalmente no que se refere às mulheres, vão de encontro a tudo o que consideramos bom e correto.

Com uma sutileza quase óbvia trocamos o CD (compact disc). Vamos ajudá-las/os a conhecer e gostar da verdadeira música, um forró nordestino de raiz. As/os adolescentes protestam um pouco, mas terminam por aceitar a nova música, uma melodia mais rica, uma letra... Bem, uma letra por vezes também muito preconceituosa. Mas é diferente do “brega”, afinal forró de raiz é cultura popular.

Situação contraditória. O quê ou quem autoriza que uma música, uma dança, um modo de vestir ou falar seja correto e bom? Quem nomeia como popular determinadas produções culturais, dando-lhes nesse movimento uma espécie de imunidade diante de qualquer crítica que se possa fazer? Se essa é uma discussão complexa, não cabendo entrar aqui em todos os seus aspectos, consideremos que se faz necessário estabelecer as conexões entre esse tema e as práticas educativas com adolescentes pobres, principalmente porque a dimensão cultural

e artística é um forte componente de grande parte dos trabalhos desenvolvidos junto a esses sujeitos. O Projeto ATEIA teve, inclusive, entre seus conteúdos centrais, o conceito de cultura popular.

Pois é, nossa caminhada nesse campo foi marcada por frustrações, tensões e descobertas. E não há como escapular da constatação de que foram as diferenças e desigualdades, o desconhecimento e a conseqüente idealização que provocaram em nós tantos sustos.

Nosso ponto de partida foi tomar a noção de cultura popular em um sentido que hoje consideramos restrito e excludente. Para nós, as produções assim definidas eram aquelas que tinham a marca da origem, da raiz, quase folclore. Desse modo, imaginávamos que em Castainho ou em Guaribas, por serem comunidades quilombolas no interior do estado, encontraríamos todas as manifestações da cultura negra em sua expressão mais pura. Algo semelhante, mas talvez um pouco reciclado, também haveria no Morro da Conceição – bairro do Recife, politizado em todos os sentidos dessa expressão – e no Amaro Branco, bairro olindense de intensa movimentação cultural, bem como na RPA 4. Na Zona da Mata, que se constituiu na tradição da cana de açúcar, usinas, engenhos e histórias de lutas sindicais, nada mais evidente de que o maracatu rural.

Por termos estas imagens coladas na retina, demoramos um pouco para perceber que a realidade que experimentávamos não era igual a que imaginávamos. Ao andar pelos vários grupos, descobrimos que os bairros, comunidades e municípios são todos muito parecidos em suas difíceis condições de vida. Somente o Castainho e Guaribas, por serem rurais, têm algumas distinções, mas não tão profundas assim, tendo até sido possível cantar em conjunto: miséria é miséria em qualquer canto, riquezas são diferentes⁵.

Por isso, as/os adolescentes também se parecem. Quem não as/os conhece, não poderá dizer, apenas pelo olhar, quem é de qual lugar. Por exemplo, 70% delas e deles poderiam ser percebidas/os como de comunidades quilombolas, já que são negros/as. Um olhar mais atento consegue perceber uma sutil diferença entre rurais e urbanos/as, diferença que se acentua ao ouvir suas vozes, não por aquilo que dizem, mas pelo sotaque que distingue quem é da área metropolitana de quem é do “interior”. O modo de vestir é quase idêntico - principalmente entre as meninas - o que as/os diferencia são as condições financeiras familiares.

5| ANTUNES, Arnaldo, BRITO, Sérgio, MIKLOS, - *Miséria* - rock gravado pela Banda Titãs.

Todos/as vêem TV, gostam de pagode, brega, rock nacional, música romântica, axé, forró. Adoram tocar e cantar samba, coco de roda, afoxé, pagodes e pontos de umbanda, o que demonstra, por sua vez, a influência da religiosidade popular.

Em dois lugares os símbolos católicos são fortíssimos: no Castainho, a primeira coisa que vemos ao chegar é uma igreja; no Morro é a imensa imagem de Nossa Senhora da Conceição. Tanto em um quanto no outro, a festa mais importante é ligada à religião católica.

Inesquecível a experiência de alguns/mas de nós com a festa da Mãe Preta do Castainho, pois imaginávamos ser uma celebração marcadamente afro e o que vimos foi uma festa religiosa de rituais católicos, tendo também o componente profano com parques de diversão e carros de som tocando forró eletrônico e brega. Ficamos quase infelizes. As/os adolescentes? Ah, esses/as eram pura diversão e alegria!

Dissemos para nós mesmas/os: há um equívoco. Assumimos: o equívoco é nosso por termos nos deixado aprisionar em uma idéia de que a cultura popular é algo já dado, que precisa ser resgatado debaixo dos escombros da cultura de massa que aliena e oprime. Associamos cultura popular à tradição, esquecendo que esta é quase

sempre opressora por não permitir quaisquer questionamentos. Além do quê, ao pensar que iríamos encontrar manifestações da cultura popular a nos esperar estávamos, mesmo sem perceber, nos colocando à distância, fora desse universo. Estrangeiros/as na busca de uma interpretação ou vanguardas portadoras do mapa da verdade a ser desvelada.

De qualquer modo, a concepção que pautou a nossa intervenção inicial no projeto, e que é muito comum em trabalhos semelhantes, demarca de maneira muito rígida e hierárquica os lugares dos/as sujeitos da relação educativa. Há uma cultura deles/as e outra nossa, já que, pelo jeito, não somos populares. Então, popular quer dizer ser pobre? Popular quer dizer um estágio superior ao ser massa, no sentido de que é genuíno, mais ainda assim muito distante de ser clássico ou erudito?

É muito comum que nós, educadoras/es bem intencionadas/os, sempre que planejamos atividades educativas com sentidos culturais ou artísticos, só pensamos em oficinas de percussão, capoeira, maracatus, coco de roda, ciranda e literatura de cordel. Há, ainda, as vertentes ligadas à chamada cultura juvenil urbana – rap, grafiteagem, street dance, funk etc. Mas, observem bem, não as chamamos de cultura popular e, por ter influências “estrangeiras” que não são consideradas, em

muitos casos, legítimas, são talvez rebeldes e efêmeras com a adolescência. Tudo bem que a chamada cultura erudita seja fortemente estrangeira, não deve haver tanto problema, afinal não se destina a elas/es, mas sim, a nós. Sutis e opressivas diferenças.

Vamos esclarecer alguns pontos: não estamos questionando a validade de trabalhar com as produções culturais dos tipos acima citados, é fundamental contar e mostrar outra história que não a oficial, dar a conhecer e experimentar o produzido nos lugares não hegemônicos. Contudo, não podemos cristalizar ou sacralizar tais produções como genuínas ou puras, porque cultura é criação e movimento, representações expressivas de tempos e processos históricos. Não é porque a literatura de cordel é uma forma de expressão das camadas pobres da sociedade, que não devemos dizer que muitas de suas histórias são machistas, racistas e homofóbicas. É possível propor novos conteúdos e significados em cima da forma.

Não podemos, acima de tudo, produzir uma espécie de lugar restrito e fechado como sendo o lugar da/o adolescente pobre - que, na sua imensa maioria, é negra/o - colocando-as/os nesse mesmo movimento como guardiãs/ões de formas culturais que deveriam ser do interesse de todas as pessoas.

Parece que no nosso imaginário profunda-

mente ideologizado, há adolescentes negras/os e pobres legítimas/os e ilegítimas/os. As/os primeiras/os seriam aquelas/es que cultivam a tradição de seus territórios (por mais paradoxal que seja pensar em adolescentes cultivando tradições), que gostam das manifestações culturais de raiz, que têm como desejo ser sempre do mesmo jeito que suas/seus antepassadas/os foram. As/os ilegítimas/os tem atitudes outras, misturam os signos, gostam das músicas que tocam no rádio, sonham outras possibilidades e ainda que gostem e respeitem sua história social, cultural e política, se sentem normais por compartilhar linguagens com outros/as adolescentes do planeta.

Se essa classificação tivesse algum sentido, as/os meninas/os com os quais trabalhamos seriam ilegítimas/os, ainda que críticas/os, por exemplo, quando em uma reflexão sobre mídia reconheciam que nas representações por ela produzida elas/es estavam ausentes; que tudo era para promover o consumo e que adolescentes pobres não poderiam adquirir aqueles objetos. Mas, complementavam, qual é o problema de usar uma roupa fake⁶ que, ao invés de R\$ 100,00, custa R\$ 10,00 se ela/e assim o desejavam

6| Fake está aqui colocada no sentido das roupas e outros acessórios que imitam os modelos das chamadas grifes ou marcas.

e se achavam bonitas/os? A pergunta final para nós e para o grupo foi: “só porque a gente é pobre a gente, não pode sonhar?”

Podem e devem, porque nós adultos/as é que devemos inverter a lógica do nosso pensamento e nos perguntar o porquê de não considerarmos nada demais que as meninas brancas (ou que assim são tratadas socialmente) não pobres façam permanente para encaracolar os cabelos enquanto as meninas negras e pobres não podem alisar ou fazer escova. Ou que os meninos brancos (ou que assim são tratados socialmente) e não pobres podem usar o cabelo rastafári, enquanto os negros e pobres não devem pintar os seus de amarelo. Duas interpretações para uma mesma ação que varia conforme o sujeito que as pratica: para uns e outras – meninas e meninos brancas/os ou assim socialmente tratadas/os – é liberdade de escolha, fortalecimento da auto-estima, já para umas e outros – meninas e meninos negras/os e pobres - é conformismo de quem não se gosta.

Como bem constataram as/os adolescentes, se a mídia ainda não as/os reconhece como existentes, se as/os oprimem com imagens tão outras que não a delas/es e se nós, por outra parte, ficamos a repetir que elas/es devem ser de um modo diferente daquele que elas e eles se percebem e desejam, como é que alguém normal pode conservar sua auto-

estima e independência? Pode-se dizer: “Ah, mas a mídia mudou em relação às/aos negras/os: já não aparecem na TV apenas como pobres, já são representados como classe média” etc. e tal. Isso é verdade, mas muito o movimento negro teve que fazer para que tal situação chegasse a essa pequena mudança de agora. Acontece que só mudou em relação à questão racial, porque quando se trata da pobreza, as coisas continuam as mesmas, se não piores. Vamos pensar em dois sucessos contemporâneos do cinema nacional: Cidade de Deus e Carandiru, filmes baseados em histórias reais, sobre pessoas pobres e negras que vivem um universo de violência brutal. É real? Sim, mas o real dessas pessoas não é só isso. Cinema de uma só verdade, que reifica, por mais que tente denunciar, um único lugar.

Contudo, na experiência cotidiana podemos sempre aprender que os lugares não são assim tão fixos e foi isso que vivemos numa tarde de sábado quando fomos com as/os adolescentes para a exposição Adoração, do artista paranaense Nelson Leirner. Ao dialogar com a cultura popular e de massa, usa o humor e a ironia para criticar o que se convencionou como arte. Em sua trajetória como artista, Leirner busca politizar o debate sobre questões como o ‘belo’ e as relações entre arte e mercado causando bastante impacto e, porque não dizer, inquietação. Nas/nos adolescentes essa inquietação

também era física ainda que todo movimento precisasse ser contido, já que museus e lugares de obras de arte são quase sagrados, permitindo-se no máximo atitudes contemplativas enquanto se tenta entender o que se vê e o que as/os guias da exposição dizem sobre elas.

Estávamos numa situação contraditória: adolescentes de baixa renda – incluindo aquelas/es de áreas rurais – que têm pouco contato com museus ou arte erudita, mas que convivem com a equivalência que se faz entre arte e erudição e as distinções e interdições feitas entre estas e o que é popular, apreciando uma exposição de um artista contemporâneo. Tudo parecia muito fora de lugar.

Ainda assim, fomos seguindo a apreciação das obras até nos depararmos com um porco empalhado num engradado de madeira! (Matéria e Forma: o Porco, de. 1967). Espanto de todas/os, um verdadeiro choque de linguagens. Como explicar o por quê daquele porco que para elas/es era tão “antigo” ser considerado uma obra de arte, e uma música que diz aí eu me afogo num copo de cerveja que lá esteja minha solução⁷, não? Porque a segunda é reproduzível, fácil de fazer? Mas se um/a dos/as adolescentes resolvesse

7| Por referência ao nome da música *Que se Chama Amor* - José Fernando.

empalhar um outro porco, seria arte? O mais interessante foi constatar que nas perguntas das/os adolescentes pernambucanas/os, em 2003, ressoava a inquirição feita aos jurados do IV Salão de Arte Moderna do Distrito Federal (1967) sobre quais os critérios artísticos que os levaram a decidir que Matéria e Forma: o Porco era uma obra de arte. Quem fez esse questionamento? O próprio Nelson Leirner!

Talvez a comparar a obra de Nelson Leirner com os versos de um pagode seja injusta e ligeira com o primeiro (ou seria com os autores do verso da cerveja, já que eles não se propõem à eternidade que se busca numa obra de arte?), mas tudo isso fica mais confuso quando também vemos na mesma exposição a obra Adoração (altar para Roberto Carlos), feita em 1966, que tem como foco a Jovem Guarda, talvez o fenômeno primeiro da cultura de massa no Brasil.

A síntese de todas as contradições que experimentamos naquele momento estava espelhada em outra obra de Leirner, Futebol (2001), uma imensa instalação em que dois times compostos por imagens de santos, santas, anões de jardim, pombas giras, tocadores de pífanos, bonecas Barbie, personagens de Walt Disney, Batmans, pingüins de geladeira, índios, budas, Sacis-Pererê, animais vários, dentre outras, estão postos uma de frente para a outra num campo de futebol.

Sagrado, profano, religiosidades diversas, cultura popular, cultura de massa, urbano e rural conformando a grande arte, ou a crítica a ela.

A exposição causou estranhamento nas/os adolescentes, mas o estranho não é necessariamente ruim, na medida em que ele nos possibilita rever conceitos e aceitar que nem tudo é tão facilmente enquadrado. Assim, talvez seja importante nos perguntarmos que estranhamento as/os adolescentes pobres e suas linguagens causam em nós educadoras/es adultas/os, quando é que nos estranhamos, ou melhor, quando somos capazes de nos permitir o estranhamento⁸?

O que isto tem a ver com cultura popular? Para nós a ligação se faz no momento em que compreendemos que a cultura popular é uma forma histórica de dar significação às coisas do mundo, do que se vê, se ouve, se sente, se experimenta, é criar sentido, recontar uma outra história a partir do que se foi, se é e será. É disputa política também, na medida em que o que está em jogo é a possibilidade de se atribuir outros sentidos para além dos dominantes⁹. Assim sendo, os modos diversos como estes sentidos ga-

nam expressão incluem não apenas as ditas formas artísticas, mas também as maneiras de se vestir, de falar, de organizar o cotidiano, de construir casas, enfim, as várias linguagens.

A cultura é composta de códigos criados a partir de focos múltiplos e estiveram presentes também quando em uma das primeiras oficinas perguntávamos o que as/os adolescentes queriam fazer de suas vidas quando adultas/os e um dos meninos – talvez dos mais doces e tímidos do grupo – responde: “ser matador”. Esse é um fato de uma realidade que é dele, mas nossa também. Porque se ficarmos mantendo a falsa e protetora linha divisória nada vai mudar. Sua resposta funcionava, ao mesmo tempo, como uma espécie de senha para ver se nós adultas/os, brancas/os (ou assim socialmente tratadas/os) e classe média iríamos nos assustar e sair correndo – temendo que o próximo passo fosse puxar um canivete – ou fazer um discurso moralista conservador sobre o porque, diante de tantas oportunidades de futuro, ele escolheria justo aquela. Como acreditamos ser apenas uma brincadeira marota para testar a nossa capacidade de interação, deixamos passar brincando também e ele nunca mais lembrou que queria ser matador, preferindo hoje ser jogador de futebol.

Se não nos aferrarmos à linha divisória entre a “nossa cultura”, os “nossos valores” e a “cul-

tura delas/es”, “os valores delas/es”, teremos que ser capazes de interagir com nossas linguagens histórica e socialmente datadas, ou seja, somos agentes de uma mediação entre universos simbólicos distintos, do mesmo modo que as/os adolescentes ocupam também esse mesmo lugar de mediadoras/es e esse talvez seja o melhor sentido educativo e político da teia: sujeitos/ pontos que estão em constante comunicação que, por sua vez, nada mais é do que a constante recriação de linguagens e interpretações sobre o mundo.

Daí que podemos voltar à música brega. Se em todos os sábados nos recusássemos a ouvi-la estaríamos usando de uma autoridade violenta, pois além de negar aos/às adolescentes o direito de gostar do que gostam, estaríamos nos recusando a ouvir aquelas meninas e meninos, a entender o que significava aquelas músicas e, portanto, a conhecer melhor as pessoas que conosco conviviam. A negativa proibitiva nos fazia perder a chance de refletir com elas/es sobre os preconceitos que muitas daquelas letras afirmavam. E, talvez, o mais grave: reforçando as desigualdades e outros preconceitos, já que se elas/es gostam do que não presta, do que é de mau gosto, elas/es provavelmente também o são.

Se tomarmos a cultura popular como uma das formas de produzir e disputar sentidos, não poderemos, por ética e coerência políti-

ca, definir qual o sentido que é legítimo ou não. Qual o sentido que faz sentido só pode ser definido a partir de pactos coletivos, o que não significa concordar sempre, inclusive porque a possibilidade da discordância só se instaura quando se conhece a outra interpretação.

Por acreditarmos nisso, nós ouvimos – e continuamos a ouvir – o brega, descobrindo que aquela preferência musical tem muito de pura diversão - e que as/os adolescentes conseguem identificar criticamente onde estão as noções pejorativas. É muito comum elas/es dizerem: “escuta essa aqui, vê que letra horrósa!”

Isso quer dizer que a partir de então a trilha sonora das oficinas foi só bregas e pagodes? Claro que não! Escutamos de tudo, inclusive música erudita (que elas/es chamavam, com um certo mau humor, de “ópera”), música brasileira que não toca nas rádios, música negra estrangeira e contemporânea, regionais, enfim o que pintou e fez sentido para o trabalho e para a vida.

8| Agradecemos a Cláudio Pedrosa pela provocação sobre o estranhamento.

9| A partir de fala de Osmundo Pinho, na Roda de Conversa sobre Juventude, Recife, SOS CORPO.

Do saber ao aprender

A experiência no projeto Ateia nos confirmou algumas hipóteses e desvelou alguns mitos. Com relação a estes últimos, constatamos que, diferentemente da noção corrente de que trabalhar com adolescentes é difícil, há um imenso espaço e interesse dos/as adolescentes em construir processos que lhes dê a possibilidade de falar e aprender sobre si mesmos/as e a realidade em que estão inseridos/as. Foi fácil montar os grupos e, mais ainda, desenvolver o processo pedagógico, os/as adolescentes foram cooperativos/as, solidários/as, interessados/as e responsáveis. Os grupos se mantiveram estáveis tanto na composição como na frequência, mesmo que todas as atividades se realizassem durante os finais de semana. Não tivemos problemas de disciplina nas viagens e passeios, nem recusas na realização das atividades solicitadas. Na verdade, havia por parte dos grupos uma demanda/ desejo de que as atividades fossem semanais e a nossa dificuldade foi explicar que essa periodicidade era impossível.

Há também uma idéia muito recorrente de que para aglutinar e manter grupos de adolescentes é fundamental que o trabalho tenha como foco ou atividades artísticas ou cursos profissionalizantes. Na nossa prática comprovamos que a pedagogia feminista, que toma por base a reflexão individual e coletiva sobre questões de interesse das pessoas e grupos, aliada à construção de um

espaço de escuta respeitoso e democrático, funciona muito bem com adolescentes de baixa renda, pois a valorização das pessoas com suas experiências e falas, articulada ao acesso a conhecimentos e bens simbólicos é fundamental para aquelas/es que vivem em situação de opressão e exclusão. Como consequência, nos questionamos o quanto à idéia de que os/as adolescentes são difíceis não termina por restringir as práticas educativas e as opções de aprendizagem para este universo, reforçando o mito de que todo/a adolescente é irresponsável e egoísta, incapaz de se interessar por outras coisas a não ser sua diversão e interesses privados. O inverso desta concepção se manifesta na própria concepção que os/as adolescentes têm de si mesmos/as e do que consideram seus direitos. Para a maioria, eles/as têm, sim, direito ao lazer e à diversão, mas também à educação, à informação, a cuidados e afetos, e também devem ser responsáveis, conscientes e ter limites, tudo isto articulado com a liberdade e o respeito.

Por outra parte, costuma-se imaginar que o trabalho com adolescentes que visa o questionamento e a transformação das estruturas sociais existentes é facilitado pelas características dessa própria fase da vida, já que nada parece estar consolidado. Essa idéia não se comprovou na nossa experiência, especialmente no que se refere às dimensões que são fundantes na nossa sociedade da

identidade, como são os casos de gênero e raça. Para nós isto se explica por uma série de fatores, dentre os quais destacamos os seguintes. :

O primeiro se refere à própria concepção de adolescência como algo que não se é, mas sim, uma preparação para o que se será. Os /as adolescentes vivem esse momento de suas vidas com um presente muito real, com expectativas, na maioria das vezes, contraditórias em sua possibilidade de realização e tendo também que se adequar a modelos de conduta pré -estabelecidos, talvez com mais força do que as pessoas adultas, já que o que está em jogo para eles e elas é uma espécie de passe que lhes será outorgado para a vida adulta.

O segundo fator, diretamente derivado do acima assinalado, é que os/as meninos/as se agarram aos marcadores de gênero de modo muito forte, já que para eles/as há também o peso das escolhas sexuais e afetivas. Mesmo reconhecendo que os atributos e definições do ser homem ou mulher são construídos socialmente e também geradores de injustiças e exclusões, eles/as demonstram muitas dificuldades em aceitar proposições de mudança. Dificuldades estas relacionadas ao medo e à insegurança de não serem aceitos/as pelo mundo adulto e pela sociedade em geral.

A dimensão de gênero foi um dos temas-força do projeto, junto com as dimensões de classe e raça, e foi importante constatar que apesar de todas as mudanças e conquistas as adolescentes enfrentam dificuldades muito semelhantes às das mulheres mais velhas. A questão que aparece com mais força em seus depoimentos é a liberdade, ou seja, para elas é aí que reside a maior diferença entre meninos e meninas. O que eles têm, a elas falta. Longe de ser uma nova questão, vemos aí a atualização do principal obstáculo na vida das mulheres. Isto nos afasta de todas as concepções que consideram que as adolescentes, hoje, são mais livres do que as de gerações anteriores, podem e têm mais espaço de pensamento e ação. Contudo, isso só se dá quando fazemos uma comparação geracional e não entre os sexos, porque se os limites do permitido ou o do nem tanto assim se expandem, não é só para as meninas, mas também para os meninos. E aí as distâncias, diferenças e desigualdades são mantidas nos mesmos patamares, ou seja, a desigualdade é sempre relacional. Por este motivo é que esta dimensão, para os meninos, é vista com um certo incômodo já que percebem claramente que não há como transformar as desigualdades sem que isso incorra em perda de privilégios para eles. Isto se revela claramente quando observamos que muitos meninos derivam as desigualdades e diferenças de gênero da dimensão biológica, enquanto esse tipo de argumentação não

aparece nas falas das meninas.

É evidente que o modo como se interpretam e experimentam as relações de gênero repercute no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, porém aqui as diferenças parecem ser matizadas por outras questões, especialmente no que se refere à dimensão reprodutiva, já que esta ainda ocupa um lugar mais distante na vida dos /as adolescentes, apesar do fato de que, em três dos grupos, há uma mãe adolescente. A preocupação com a contracepção é, como esperado, maior nas meninas, ainda que no decorrer do projeto os meninos tenham conseguido perceber que esse é um assunto que lhes diz respeito. Por causa da associação com o HIV/Aids, a camisinha é, pelo menos no plano discursivo, bem aceita. Contudo, inferimos que há ainda muitas práticas sexuais desprotegidas.

No campo dos direitos sexuais, que desperta muito mais interesse dos/as adolescentes, as visões são bem mais abertas. Há poucas resistências, tanto dos meninos quanto das meninas, com relação ao exercício livre da sexualidade (que se expressa no direito a “ficar com”), ao mesmo tempo em que reconhecem que a sociedade - onde eles/as parecem não se incluir - penaliza as meninas com julgamentos morais. Para as meninas, a virgindade é importante, mas quase nunca é associada ao casamento e sim, ao amor

ou a alguém especial. As jovens de origem rural são as que mais valorizam a virgindade e entre estas encontramos as poucas respostas que articulam a “primeira vez” com o casamento, mas ainda assim como escolha pessoal e não regra moral para todas.

Consideramos que o universo dos direitos sexuais é mais próximo dos /as adolescentes e, portanto, lhes provoca mais o pensamento e a ação por se relacionar com uma esfera da vida onde o desejo de liberdade se manifesta com muita força em oposição aos constrangimentos que lhes são impostos pela sociedade. Não foi à toa que um dos grupos elaborou o conceito de independência sexual, que para eles/as expressa a possibilidade de ser o que se é, e fazer o que se quer.

Um outro aspecto que nos chamou a atenção foi a importância da questão racial para a auto-estima e identidade dos/as adolescentes. Como já afirmamos, os grupos com os quais trabalhamos são formados, majoritariamente, por negros/as, até mesmo porque dois deles foram constituídos em comunidades quilombolas.

De modo geral, todos/as as adolescentes percebem com muita exatidão as raízes das desigualdades entre brancos/as e negros/as, reconhecendo o preconceito e as injustiças daí decorrentes. Quando questionados/as sobre esse ponto, as repostas nunca são

naturalizadoras e quase sempre estão articuladas às questões de classe. Esta dimensão também é analisada a partir dos condicionantes sócio-econômicos e percebida como um campo de injustiça. São raras as argumentações que atribuem as desigualdades de classe com mérito ou esforço pessoal. Foi interessante perceber que no início do projeto encontrávamos respostas em que havia um conteúdo de conformismo positivado na análise das relações raciais e de classe - “os brancos têm tudo, mas os negros são puros de coração”, “os pobres são mais humildes e bons”.- que foi aos poucos desaparecendo e sendo substituído pelos argumentos que contrapõem ausência de direitos à existência de privilégios e que pode ser sintetizado neste depoimento de um adolescente de 16 anos sobre as questões raciais: “eu sou negro e tenho muito orgulho. Não tenho nada contra os brancos. Eu só quero que eles me tratem com o respeito que mereço”. Com relação às hipóteses que confirmamos, a primeira delas se refere à importância da existência de organizações comunitárias nas áreas onde atuamos e, principalmente, da nossa relação com elas, pois quanto mais conexões temos como a realidade local mais possibilidades as ações desenvolvidas têm de atingir os resultados esperados. A importância das organizações comunitárias neste processo está presente desde o campo da operacionalização das atividades, passando pelas relações de confiança e legitimidade

junto às famílias dos/as adolescentes, até o próprio sentido organizativo e de pertencimento na experiência dos/as adolescentes e sua influência na constituição do grupo para o trabalho do projeto. À primeira vista, isto pode parecer uma afirmativa bastante óbvia. Contudo, nos parece que no campo de trabalhos com adolescentes esta não tem sido uma articulação fortemente analisada e, portanto, praticada.

Uma outra hipótese que confirmamos se refere às informações pouco qualificadas, incompletas e preconceituosas com relação aos direitos sexuais e reprodutivos que os/as adolescentes de baixa renda recebem nas escolas. Camisinha e Aids são palavras fáceis neste universo, contudo funcionam como uma espécie de slogans vazios, já que os processos fisiológicos e anatômicos do corpo humano lhes são desconhecidos, como também os componentes sócio – econômicos.

Adolescentes dos grupos estão na escola e a maioria deles/as se encontra na séries do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio. Suas experiências nos mostraram que a escola pública além de não informar o necessário, também não estimula o pensamento, a leitura e a escrita. No início do projeto foi espantoso constatar a imensa dificuldade de expressão escrita, mas também oral, dos/as adolescentes, sendo esta

dificuldade mais forte nos meninos do que nas meninas. Com o decorrer do projeto, observamos uma nítida melhora neste campo, pois as/os adolescentes, além de manifestarem menos resistências para atividades escritas, passaram a construir os seus argumentos de maneira mais complexa, tanto na fala quanto na escrita. Isso nos confirma que o problema não está nos/as adolescentes, mas sim na escola que não os considera sujeitos pensantes e possuidores de direito.

Um outro aspecto muito importante é a centralidade da família, em especial das mães e/ou avós, na vida desta população. Na maioria dos casos, as relações familiares são muito tensas e pouco democráticas. Por outra parte, as condições sócio-econômicas desses grupos são bastante precárias, o que faz com que o espaço familiar seja experimentado como o lugar da carência, tanto na dimensão objetiva quanto subjetiva. Como decorrência, os/as adolescentes transitam constantemente entre a realidade dura do cotidiano familiar e um enorme desejo que esse espaço possa, de algum modo, se configurar num lugar de acolhimento e afeto. Alguns efeitos dessa situação são muito claros, como por exemplo, o baixo número de meninas que desejam casar e ter filhos/as no futuro; a carreira profissional é muito importante e a maternidade aparece como um desejo dissociado do casamento.

Avaliamos que a ligação forte que os/as

adolescentes estabeleceram com o projeto e com as educadoras foi influenciada por essas duas variáveis: a escola como um espaço que não possibilita a reflexão e a construção dos conhecimentos e a família como um lugar que não consegue dar aos/as adolescentes a confiança e o afeto que eles/as desejam. Reconhecer esses aspectos é fundamental no processo educativo, na medida em que ocupar esse lugar tão importante na vida e afetos dos/as adolescentes tanto pode ser potencializador da construção e fortalecimentos deles/as como sujeitos, como impeditivo desse mesmo processo, já que corremos o risco de colocá-los/as no lugar de vítima, de carentes, perpetuando nesse movimento o lugar narcísico e poderoso do/a educador/a.

Com esta experiência constatamos também que há pouca reflexão sobre esse lugar – educador/a – por parte de quem o constitui. Habitualmente, pensamos sobre a nossa prática e sobre os sujeitos com os quais desenvolvemos as ações educativas, mas pouco nos detemos sobre os impactos desses processos no sentido de quem o realiza. O projeto Ateia foi, para nós, uma experiência inovadora por desafiar constantemente nosso fazer educativo a partir de uma prática concreta estabelecida na relação com os/as adolescentes. Contudo, sabemos que há muito ainda por fazer, novos conhecimentos a serem produzidos, teias a se expandir e fortalecer suas conexões de modo a que cada

vez um número maior de adolescentes tenham possibilidades de ser sujeitos de suas vidas e da história.



As palavras e os sentimentos das autoras e autores da teia.

Durante o tempo em que construímos cotidianamente esse projeto muitas foram as palavras e os sentimentos expressados. Grande parte deles ficará na memória apenas daquelas/es que, aos sábados e domingos, se encontravam para pensar, refletir, se expressar e também se divertir. Ainda que não possamos reuni-las novamente do jeito que foram ditas e vividas, o sentido da experiência para quem realmente construiu a teia, com suas infinitas tramas de sentidos, ficou registrado em redações produzidas pelas/os adolescentes nos últimos encontros do projeto.

Como não seria possível reproduzir todas elas, selecionamos 45 textos que, em sua diversidade de formas, tamanhos e conteúdos abordados, sintetizam a experiência de aproximadamente 135 adolescentes que participaram do projeto.

Como poderá ser observado, algumas possuem títulos, outras não; umas são curtinhas, outras maiores; há textos mais simples, outros mais complexos. Fizemos apenas correções ortográficas e editamos passagens que reportavam conteúdos mais privados.

Contudo, o fundamental é que todos os textos trazem de volta a alegria, o compromisso com outras pessoas e com o que se aprendeu, a compreensão das mudanças e principalmente um desejo contente de futuro. O

melhor resultado que este projeto poderia alcançar é exatamente esta possibilidade de pensar o futuro como algo que poderá ser bom e justo.

Assim, agradecemos às/aos adolescentes por terem construído conosco tantas histórias e possibilidades, realizado sonhos antigos e inventado tantos outros que, certamente, em tempos futuros irão se realizar.



ATEIA: como me serviu e como me servirá...

Apesar de ter entrado em 2003, o projeto ATEIA me ajudou bastante a ver as coisas de outro modo e a mudar, em parte, o meu jeito de ser. Eu sempre fui uma pessoa comunicativa, mas tinha uma certa dificuldade em falar com pessoas que eu acabava de conhecer e de me entrosar com grupos, mas a partir desse projeto vi que não é um “bicho de sete cabeças” e que se comunicar é a melhor forma de conhecer mais e mais pessoas legais.

Além de exercer minhas idéias, nós sempre debatemos assuntos que sempre são falados em todos os lugares, mas que para mim não tinha importância alguma como: drogas, DST.... Não queria que acabasse agora, mas infelizmente tudo na vida acaba. Hoje eu posso dizer que o meu mundo está mais verdadeiro do que antes e que a vida é mais legal, se olharmos sempre para o futuro com otimismo, garra e fé. Vocês me ensinaram também a não parar ou desistir no primeiro obstáculo que a vida colocar no meu sonho, e sempre continuar driblando todos eles, pois nada se consegue parado, é preciso levantar e lutar, seguir em frente. Quando eu estiver com meu trabalho, minha casa... sempre lembrarei do que aprendi com vocês e nunca, mas nunca mesmo, vou esquecer disso e passarei para os meus filhos para que eles passem adiante e tenham a mesma força de vontade que eu tenho, pois nada na vida se joga fora, nem mesmo

aqueles momentos ruins, pois esses servem para aprendermos a não errar outra vez, porque a vida é feita de instantes e que cada um tem o direito de usar como quiser, eu usei o meu e sei que investi na coisa certa.

Rafaella Oliveira

Bairro do Amaro Branco, Olinda
Região Metropolitana do Recife

Em primeiro lugar, a coisa mais importante que o projeto trouxe para mim, entre outras, foi ter colocado nesse projeto coordenadoras super competentes, extrovertidas e muito FO. E com elas muitas informações, assuntos polêmicos - direitos sexuais e reprodutivos, drogas, sexo, aborto, classe social, direito à escolha de sexo etc. E com isso mudar o pensamento das pessoas.

Essa experiência vai ser usada no futuro para orientar as pessoas, passar as mesmas informações que tive para elas, formar novos projetos, botar para frente. Não é porque vai acabar que vai ser jogado fora. São informações legais e importantes e temos que ir em frente com elas.

Emanuely Maciel

Município de Palmares, Zona da Mata Sul

Bem, durante o projeto ATEIA eu mudei muito. Hoje, me vejo outra pessoa com pensamento diferente e outra opinião.

No projeto vimos vários temas, mas o que eu mais gostei foi gênero, porque antes eu não sabia o que significava, tinha pensamento diferente sobre gênero, mas hoje se uma pessoa me perguntar o que é gênero eu vou saber responder. Fico muito triste em saber que o projeto vai acabar, mas isso eu já sabia.

Angela Fernanda Silva

Município de Joaquim Nabuco, Zona da Mata Sul

Esse projeto foi e ainda vai ser muito importante na minha vida. Eu aprendi a respeitar os sentimentos de outras pessoas, a não discriminar o homossexual e as mulheres que gostam de mulheres. Mas, o mais importante foi que o projeto deixou nossas vidas diferentes e que outros projetos virão e oportunidades também. Podemos agora ir em frente e nunca, nunca mesmo, deixar as pessoas nos maltratarem, nos discriminarem. E poderemos arrumar trabalho com o nosso conhecimento, não só o conhecimento que fala sobre criança e adolescente, mas o que ensina também um pouco do nosso futuro.

Cíntia Mendes Barbosa

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

O projeto ATEIA nos fez olhar a vida como ela é. Ensinou muitas coisas importantes e que são usadas no nosso dia-a-dia. Aprendi várias coisas muito importantes para mim, não só para mim, mas para as outras pessoas também.

Eu aprendi sobre os direitos sexuais e reprodutivos, como usar camisinha e os métodos contraceptivos.

Aprendi também a me defender e a me valorizar como pessoa, agora que eu conheço os meus direitos de ser humano, e que serão valorizados no futuro para tentar mudar a nossa sociedade injusta e que faz muita injustiça, principalmente com as mulheres. Um dia isso vai ter de mudar.

Edivane Lopes Izídio

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

Para minha vida trouxe mais saber, porque eu aprendi coisas que eu não sabia e tudo o que eu aprendi eu contava para minha irmã e eu e ela começamos a nos dar muito bem. Saber o que eu aprendi também pode ajudar muitas pessoas.

Mª Betânia Barbosa

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

Bom, para começar a minha redação, eu vou falar um pouco sobre a minha vida. A minha vida mudou muito depois que o projeto ATEIA chegou em Castainho, porque eu aprendi coisas que eu não sabia, coisas importantes sobre o meu dia-a-dia, em relação à minha família. O projeto ATEIA me fez descobrir eu mesma!

Antes de o projeto chegar na comunidade, eu tinha vergonha de falar sobre a minha vida

com os meus pais, mas hoje eu não tenho mais vergonha. O que eu aprendi no projeto vou repassar para minhas colegas e claro que eu vou também passar para os meus filhos futuramente.

Claro que eu não tô pensando em ter filhos agora, porque eu sou muito nova, porque ter filhos é uma responsabilidade muito grande. Temos que pensar muito e conversar com a pessoa que estamos ficando.

É isso, o projeto me ensinou coisas novas e surpreendentes.

Roberta Mendes

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

Há mais ou menos 2 anos e meio, eu entrei no grupo do Morro. De início foi muito estranho, pois tinha muita gente que eu não conhecia, eu me sentia meio por fora, pois não eram coisas do meu cotidiano e o fato de eu ser muito fechada dificultou muito. E outra coisa era o fato das outras pessoas quererem me tirar do grupo.

Mas eu consegui vencer tudo isso, a minha vergonha de falar foi a primeira. Depois comecei a me interessar pelos temas abordados, eu consegui adquirir auto-confiança. E uma coisa muito importante foi mostrar para as pessoas quem eu realmente era, desfazer os pensamentos que elas tinham de

mim. Mas eu só consegui vencer porque outras pessoas me ajudaram depositando confiança em mim, pois eu achava que não tinha potencial, mas essas pessoas me mostraram o contrário.

Para o meu futuro eu vou levar as amizades, pois esse grupo me proporcionou isso, pelas várias oportunidades principalmente de conhecer novos lugares e pessoas. E o mais importante eu vou levar comigo: o aprendizado. Como uma colega minha falou: “o conhecimento ninguém pode tirar de você!”. Eu sei que tudo o que aprendi aqui ninguém pode tirar de mim.

Vou sentir muitas saudades de tudo e de todos, mas eu sei que tudo o que aprendi no passado vou fazer melhor no meu futuro.

Adriana Barbosa da Silva

Morro da Conceição, no município de Recife

O que o projeto ATEIA trouxe para minha vida? Trouxe várias coisas maravilhosas!

Foi uma experiência muito importante na minha vida, me ajudou a crescer e amadurecer, me fez entender que eu posso expressar minhas opiniões e tenho de aceitar as pessoas como elas são, independente da cor, classe social e orientação sexual de cada uma. Fez-me entender o que é gênero, me tornei uma pessoa mais madura, consegui

aceitar e com isso quebrei vários tabus. Hoje em dia eu consigo enxergar a realidade da vida e lutar pelos meus direitos.

Tive oportunidade de conhecer pessoas diferentes, com culturas diferentes, opiniões diferentes sobre a vida e conhecer vários lugares que sem o projeto eu não teria a oportunidade de conhecer.

Hoje, graças ao projeto ATEIA, eu, Manuella Ramine, tenho uma perspectiva de vida totalmente diferente, tenho outra formação de mundo e eu vou guardar o que aprendi para o resto da vida.

Manuella Ramine

Morro da Conceição, Recife

A Mudança. A mudança iniciou-se no ano de 2001 com novas informações e conceitos, posso afirmar que não sou mais a mesma pessoa do início das reuniões.

As informações que colhi foram fundamentais, tanto para mim, quanto para outras pessoas que conheço, pois tendo informações concretas e profundas posso ajudar amigos sobre os assuntos que trabalhamos.

Não irei dizer que sei muito, mas o necessário para me prevenir. Para mim foi fundamental saber mais sobre prevenção

– uso de camisinha e de outros métodos; drogas – tanto lícitas, quanto ilícitas; violência – principalmente contra as mulheres; preconceito – esse é o tema que me chama muito a atenção, pois existem pessoas do meu próprio grupo que ainda continuam com o preconceito em mente.

Todas podem ter certeza de que, da minha pessoa, tudo o que foi dito e feito, nada foi desperdiçado.

Obs: a minha timidez também foi trabalhada e foi um sucesso.

Amanda Guedes

Morro da Conceição, Recife

Respeitar e Aprender.

Esse projeto me ensinou muitas coisas.

Aprendi a respeitar todas as pessoas, independente de cor, raça, escolha sexual, classe, a importância da prevenção de doenças e ajudar sem pensar no que vai receber em troca.

A cidadania – união - e o amor no que se deseja fazem quebrar barreiras e realizar sonhos.

Amanda Almeida

Morro da Conceição, Recife

Eu adorei ter participado desse projeto, com ele nós aprendemos coisas legais que nos ajudam a cada momento. Quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram e durante esse tempo eu aprendi coisas legais. Conheci lugares que nunca pensei em conhecer e fiz novas amizades e entendi que tudo na vida passa e nada é do jeito que eu quero e na hora que eu quero.

Agradeço por todo o carinho que recebi.

Minha visão para o lado do adolescente mudou completamente. Espero que vocês ensinem essas coisas para pessoas que precisam, como eu precisei e que elas tenham consciência e dêem valor, pois não são todos que têm essa oportunidade como eu tive.

Eu mudei muito em todos os sentidos e agora posso ajudar outras pessoas com tudo o que aprendi. Gostei muito de ter vivido essa experiência, ajudou muito o meu dia-a-dia.

Mônica Mendonça da Silva

Morro da Conceição, Recife

O grupo ATEIA foi muito útil. Esse tempo todo eu aprendi muitas coisas como pensar sobre o aborto, homossexualidade, sexualidade, família, gravidez, violência etc... Como falar sobre esses assuntos, como viver na sociedade. Gostei muito do grupo, das professoras. As viagens foram muito boas para conhecer os lugares. As pessoas que eu conheci, gostei de todas. Tenho muitas coisas

para falar desse curso, as lembranças, os momentos bons.

Eu tenho uma vida e uma história do curso, minha vida está mudando a cada mês, cada ano que passa. Minha vida no futuro vai ser melhor com tudo isso que eu aprendi. Quando eu estiver mais velha tenho certeza que vou lembrar de cada conversa, sorriso, alegria, tristeza e todas as coisas que passei nesse grupo que, infelizmente, está acabando. Sou mais feliz porque vocês me ajudaram nessa vida, vou seguir meu caminho, feliz e sorridente.

Vou sentir saudades!

Rosilda Pimentel Beltrão

Morro da Conceição, Recife

O que o projeto ATEIA trouxe pra minha vida. O projeto ATEIA me proporcionou muitas coisas boas e interessantes e que vão servir para o meu futuro, o meu desenvolvimento como pessoa numa sociedade machista e preconceituosa.

Ensinou-me coisas que, até então, eu nem imaginava que existiam ou que aconteciam, assuntos que mexem com a minha vida particular e social. Deu-me oportunidade de conhecer pessoas novas, lugares diferentes, culturas diferentes, opiniões diferentes da minha, me dando o prazer de expressar minha opinião com liberdade. Deixou para

mim a obrigação de passar o que aprendi para outras pessoas.

Na minha vida esse projeto veio com o intuito de me ensinar coisas novas e para mostrar que as pessoas têm opiniões diferentes das minhas e que tenho que respeitá-las.

Enfim, aprendi muito, me desenvolvi, é um tempo que vai ficar na minha memória.

E que vai ficar marcado para o resto da minha vida. Só tenho a agradecer às educadoras do SOS Corpo pela oportunidade que tive, que foi maravilhosa e que os novos grupos tenham o mesmo prazer que eu tive e que aprendam coisas legais assim como eu aprendi.

Sulamita Santos

Morro da Conceição, Recife

Um projeto como esse não deveria acabar nunca, pois leva aos jovens conhecimentos, que até então eram como um oceano cheio de mistérios e curiosidades. Pois a vida é cheia de surpresas e se vocês não se cuidam acabam se dando mal. E têm coisas na vida que quando acontecem, não dá para mudar, mas se vocês estiverem por dentro dos acontecimentos e das coisas que existem, acabam se ajudando e ajudando também ao próximo.

Pois tive o privilégio que poucos tiveram e me

mostraram coisas até então desconhecidas.

Aprendi muito e levarei comigo coisas que não só me ajudarão a seguir em frente, mas passarei para as outras pessoas os conhecimentos que também as ajudarão.

Adorei tudo o que aconteceu durante esse tempo todo que passamos juntos. Foram momentos maravilhosos que deixarão saudades pelo resto dos dias da minha vida. Pois coisas boas nunca são esquecidas.

Ana Clécia Silva

Município de Água Preta, na Zona da Mata Sul de Pernambuco

O projeto ATEIA trouxe muitas experiências como a oficina sobre o aborto que eu achava que era um crime. Passei a me conscientizar e me informar sobre o aborto, sabendo que em muitos casos tem que ser feito porque os pais não têm condições de criar, em outros casos a mulher pode ter sido estuprada e muitos outros casos. Conscientizei-me também sobre a sexualidade, que também é um caso muito importante, porque antes eu não compreendia porque muitas pessoas tinham outras opções sexuais, eu não concordava de jeito nenhum. Mas agora eu estou um pouco mais compreensivo, pois cada um tem sua opção sexual.

Achei o grupo muito legal, não só pelas viagens, mas também porque as oficinas foram ótimas e foi a partir daí que eu passei a ter mais informações não só sobre o aborto, sobre direitos sexuais e muitos outros temas que foram muito legais.

E com todos esses assuntos que já debatemos, posso passar a informar meus colegas e muitas outras pessoas.

Eu queria ter entrado no projeto desde quando começou, mas eu ainda não tinha idade. Mas mesmo assim eu aprendi muito e espero poder repassar para outras pessoas.

Allan Fabrício B. Silva

Joaquim Nabuco

Para começar o projeto ATEIA foi de grande importância na minha vida. Quando eu entrei no projeto era tímido, tinha vergonha de tudo e nesse tempo que o projeto passou no Castainho eu abri minha cabeça para muitas coisas boas. Aprendi como me prevenir contra doenças e aceitar as outras pessoas como elas são, sem preconceito. Com isso eu cresci muito espiritualmente. Além disso, tínhamos ótimos monitores que nos tratavam muito bem e isso nos motivava cada vez mais para que déssemos o melhor de nós.

José Cícero Mendes

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

Uma janela para o mundo. Esse projeto ATEIA me trouxe muitas coisas boas, além da possibilidade de enxergar o mundo de um outro ângulo.

Foi também importante para que eu pudesse me prevenir de doenças e da gravidez indesejada, que pode acabar com a minha adolescência.

Ajudou-me bastante em relação aos meus preconceitos. Fez com que eu olhasse as pessoas pelo que elas tinham de bom e não pela aparência. Sou muito agradecido por vocês terem dado essa chance a mim.

Bruno Leonardo Silva/Léo

Município de Palmares, na Zona da Mata Sul de Pernambuco

Durante o tempo que passamos juntos, no projeto, tivemos a oportunidade de aprender, debater e conhecer coisas que são importantes para o nosso dia-a-dia. Para que possamos conviver melhor entre nós mesmos, respeitando, participando e aprendendo com cada um dos que fazem parte do projeto e também com aqueles que não tiveram essa oportunidade.

Nesse período construímos novas idéias, fizemos novos amigos, conhecemos novos lugares e acabamos com alguns preconceitos.

Mesmo com o fim das oficinas, essas são coisas que devem ficar nas nossas vidas. “ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. As pessoas se educam entre si mediatizadas pelo mundo” (Paulo Freire).

José Sérgio de Araújo

Palmares

Nesse tempo todo que a minha pessoa frequentou o curso ATEIA aprendi muita coisa importante sobre a vida.

Um dos temas que eu mais gostei foi como se prevenir.

O projeto ATEIA foi muito importante porque foi nele que aprendi a escutar melhor as coisas e também a me comunicar melhor com outros tipos de pessoas. Conheci pessoas novas, lugares novos e muito mais. Aprendi a me comunicar por meio de dinâmicas e brincadeiras bastante legais.

O projeto ATEIA fez mudar muito a minha vida, nos dias de curso eu ficava bastante alegre, pois naquele dia eu sabia que ia aprender coisas importantes que serviriam para mim mais tarde ou até mesmo no futuro, quem sabe. Com o curso do ATEIA eu aprendi que cada dia que se passa você vai conhecendo mais e mais o seu próprio corpo.

Antes de ter uma relação, use sempre camisinha.

Com o projeto ATEIA eu também me aprofun-dei mais nos assuntos como discriminação por causa da cor, da pobreza e do homos-sexualismo.

E com o fim do projeto fiquei muito triste, mas espero usar todo o ensinamento que tive no futuro e de voltar um dia, quem sabe? num próximo projeto ATEIA. Do que eu aprendi com o projeto ATEIA eu espero que possa passar um pouco para uma pessoa que tenha menos experiência que eu tenho em alguma área, de algum dos assuntos que aprendi. Eu não vou dizer adeus, e sim, até mais, projeto ATEIA!

Willams José Cerqueira

Amaro Branco, Olinda

O que foi mais importante foi me tirar das ruas, da malandragem, me prevenir contra doenças. Foi eu ficar mais esperto. Um dia eu vou passar tudo para o meu filho.

Robson Pimentel

Morro da Conceição, Recife

Esse tempo que trabalhamos em todas essas questões, em forma de debate, vídeo, dinâmi-cas etc. me ajudou a compreender mais os assuntos debatidos como; doenças sexual-

mente transmissíveis, aborto, cotas, violên-cia, entre outros.

Agora o que eu posso fazer é transmitir um pouco do que eu aprendi para outras pessoas que estejam precisando de ajuda. Para que mais tarde sejam pessoas melhores, eu faço isso porque hoje eu posso dizer que sou uma pessoa melhor. Por isso eu adorei a idéia de que outros adolescentes irão ter o prazer de aprender tudo o que aprendi nesses anos. E ainda o imenso prazer de viajar, conhecer lugares, pessoas e o mais importante - ter conhecimento.

Gregório Souza de Lima

Morro da Conceição, Recife

Os últimos 4 anos foram marcantes, de afir-mações e descobertas - pessoais e profissio-nais na minha vida. Felizmente o projeto ATE-IA chegou nesse período tão importante, onde a reflexão com o grupo, a troca de experiên-cias vividas e fantasiadas, a companhia de amigos faz com que você olhe o mundo com outros olhos. Foram anos prazerosos e de libertação daquele menino forte, determi-nado e consciente que vivia dentro de mim, mas ainda não tinha aflorado. No ATEIA eu descobri que sou mais capaz do que eu sabia, mais feliz do que eu sabia, que sou mais real do que eu já sabia. E hoje eu posso falar de mim porque eu me conheço melhor, porque sei até onde quero chegar e por vocês e com

vocês eu vou muito mais longe, mas nada dura para sempre e “felizmente acabou” não porque eu não gostasse e sim porque agora eu posso seguir meu caminho com minha rica experiência de vida e mais tarde poder reencontrá-las e dizer: eu consegui tudo o que eu sonhei na minha adolescência com a ajuda de pessoas maravilhosas como vocês. Obrigado de coração por enriquecerem minha biografia, minha história de vida e lembranças de tempos jamais vividos iguais.

Mateus dos Prazeres Ferreira

Morro da Conceição, Recife

Eu me sinto agora, mais do que nunca, mais desenvolvido para falar sobre sexualidade, drogas, DST, aids, prevenção, preconceitos etc. Esses temas foram todos discutidos no projeto ATEIA e me fizeram aprender muitas coisas que eu tinha dúvida e não sabia. E agora com essa experiência eu tenho oport-unidade de passar o que eu aprendi para outros adolescentes que têm agora a mesma oportunidade que eu tive e que no futuro repassarão essa experiência para os seus filhos, como eu vou passar.

Edson Cândido da Silva

Morro da Conceição, Recife

O projeto ATEIA foi uma coisa muito boa na minha vida, me dando a oportunidade de conhecer coisas novas, pessoas e lugares.

O mais importante foram os conteúdos dados a nós, ficamos sabendo das doenças que são transmitidas sexualmente e como nos preve-nimos.

Quando eu entrei no projeto pensei que não seria tão importante, mas com o tempo vi que mais do que importante era fundamental para um adolescente, porque sempre acha-mos que sabemos tudo, mas na verdade não sabemos quase nada. Também foi bom por estar me ocupando de uma coisa proveitosa, onde futuramente posso repassar o que aprendi para outras pessoas que queiram informações.

Espero que o projeto cresça muito mais e outras pessoas tenham a oportunidade que tivemos durante esse tempo.

E, com certeza, esse projeto foi uma das coi-sas mais importantes que ocorreu na minha vida.

Ricardo José Correa

Morro da Conceição, Recife

O projeto ATEIA foi muito importante na minha vida porque aprendi muitas coisas como, por exemplo - se prevenir das doenças.

O projeto ATEIA me mostrou que a cidadania no mundo é muito importante porque ela fala do direito das pessoas que, por incrível que pareça, as pessoas não têm quase direito al-gum e assim nós continuamos pedindo mais

direitos. E também o ATEIA mostrou a mim, mas também a outras pessoas que fazem parte dos grupos, que devemos aprender a respeitar o próximo.

Cara, gostei mesmo e se pudesse faria tudo de novo.

Wilson Oliveira dos Santos

Amaro Branco, Olinda

Desde o dia que começou o grupo ATEIA meu comportamento mudou muito. Quando eu falo muito é porque é muito mesmo. Eu não estou só falando do que eu aprendi como também de muitas coisas interessantes.

Quando vocês todos iam para a comunidade do Castainho eu, como aluno, me sentia muito feliz porque ali naquele momento, eu sabia que estava aprendendo alguma coisa de bom!

Com essas educadoras do grupo ATEIA qualquer pessoa aprende rápido.

Eu sei que foi com essas pessoas que eu aprendi muitas coisas de bom.

Gildo de Gois

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

O projeto ATEIA mudou a minha vida completamente, meu jeito de ser, de falar, de pensar e até de expressar meus sentimentos, que era muito difícil.

Tudo o que eu aprendi quero passar para os meus colegas, primos, irmãos, etc. Tudo isso foi de fundamental importância para mim, com certeza, vou saber aproveitar e passar para frente o que eu aprendi com o projeto.

Jodorme Mendes Barbosa

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

O que aprendi Eu aprendi que a vida não é só trabalho, mas também que a gente pode brincar um pouco, se divertir e sorrir bastante, afinal a vida é cheia de surpresas, tanto de alegria, quanto de tristeza.

Aprendi também que não tem ninguém melhor do que o outro, somos todos iguais independente da cor. Aprendi também sobre como se prevenir de doenças e da gravidez indesejada.

Tonieire Barbosa Brito

Comunidade Quilombola de Castainho, Garanhuns

O projeto ATEIA significou uma experiência de aprendizagem que, com certeza, vai valer para a vida toda, pois aprendemos muitos temas como: sexualidade, direitos humanos e direitos reprodutivos e outros. Também nos ensinou a ter mais respeito pelos nossos próprios direitos e a lutar pelos nossos objetivos sem medo é claro; que respeitando

também os direitos dos outros e principalmente sabendo que nós “mulheres temos direitos iguais aos dos homens e”, os homens também iguais aos nossos. O projeto ATEIA vai ser sempre guardado e jamais esquecido na memória de todas que participaram.

Luciana B. da Silva

Região Política Administrativa n 4, Recife

Poderia dizer vários adjetivos para expressar o que penso do projeto, no entanto serei direta. Para mim significou uma consciência social que antes eu não tinha, mas tive o privilégio de obter dentro do projeto. Hoje posso dizer com convicção que sou uma nova cidadã! Um ser mais receptivo para novas filosofias de vida, que tem mais respeito pela opinião alheia. O projeto despertou em mim um desejo maior de lutar pelos meus direitos como ser humano, traçar novas metas de vida, e acabei descobrindo direitos e deveres que antes pra mim eram desconhecidos e hoje posso dizer que os mesmos me fizeram ver novos horizontes.

Com relação à equipe pedagógica do projeto só tenho elogios a expressar. Foram excelentes pessoas, bastante coerentes e bem capacitadas. Eu me orgulho de ter participado desse projeto, e sei que irei sentir saudades de tudo e todos.

Flávia Oliveira

RPA 4 - Recife

Esse projeto teve um significado muito importante na minha vida, porque com ele eu aprendi a compreender melhor as pessoas, trabalhar em grupo, me expressar melhor, apresentando trabalhos e fazendo debates e a ver a vida em vários sentidos. Então este projeto mudou meu modo de vida em vários sentidos e em várias áreas como na escola, na rua, nos outros projetos que já participei. Hoje eu tenho a capacidade de ouvir as pessoas. Tenho minha própria opinião e gosto muito de debater sobre qualquer assunto importante.

Marcela Dionízio da Silva

RPA 4 - Recife

A importância do projeto ATEIA na minha vida é aprender coisas novas, que eu sei que vão me ajudar no dia-a-dia e no futuro também.

Nesses 24 meses em que estive no projeto, eu já aprendi a lidar com problemas que antes me prejudicava e eu não sabia como agir; aprendi a respeitar o próximo mais do que antes; aprendi quais são meus direitos e os meus deveres também.

Gostaria que o projeto ATEIA continuasse com a RPA 4, mas entendo também que devemos dar oportunidade a outros adolescentes para que eles tenham conhecimento de tudo que aprendemos e possam passar

seus conhecimentos para outras pessoas e adolescentes que não têm a oportunidade de participar de um projeto como esse.

Morgana Lúcia

RPA 4 Recife

O projeto ATEIA tem um significado muito importante. Foi muito significativo para todos nós, inclusive para mim, que foi o primeiro ano que estou participando do projeto e o primeiro encontro.

Para mim foi muito legal e muito interessante. Desse projeto tirei várias conclusões. Apreendi muitas coisas sobre sexualidade. Tirei minhas dúvidas, conheci várias pessoas maravilhosas. Pessoas diferentes. É um projeto muito importante que não deveria acabar nunca, deveria ter em todos os lugares do mundo. Foi muito significativo. Adorei!

Thamires Tâmisa

RPA 4 - Recife

Na minha opinião, foi um grande auxílio no meu desenvolvimento, pois me deu grande conhecimento sobre: cultura, a situação do Brasil, métodos contraceptivos, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos etc. E também fiz novas amizades. Conheci gente nova e ainda estou aqui na mordomia de um hotel.

Walter Gabriel

RPA 4 - RecifeW

Durante esses anos no projeto ATEIA aprendi a conviver com pessoas diferentes, onde as mesmas têm um mesmo pensamento de adquirir novos conhecimentos, aprofundar mais detalhado nos assuntos que não costumamos dialogar diariamente. Esse tempo me fez refletir que ninguém vai a um lugar ou mesmo que haja perspectiva de se viver sozinho, mas sim, no coletivo. É isso que o projeto ATEIA veio nos mostrar, a sua forma de trabalhar e de lidar com pessoas de localidades diferentes. Valeu a pena estar esse tempo com o projeto ATEIA, pois só assim que eu sou uma pessoa capaz de criar e mostrar coisas novas. Parabéns Projeto ATEIA! Continue levando conhecimento e cidadania, pois assim vamos ter ainda um país com futuro.

José André de Souza

Município de Vicência,
Zona da Mata Norte de Pernambuco

O projeto ATEIA, glamoroso como sempre; buscando entre si e entre os outros um meio de mostrar a dura realidade da vida. Vida essa no complexo mundo da descoberta e dos desejos. Mundo esse de sensações diferentes e de informações curiosas a respeito do corpo e da alma.

É com grande carinho que procuro o significado do mesmo, tudo tão maravilhoso que nos satisfaz. São realmente votos de aprendizagem adquiridos que jamais serão esquecidos, tanto quanto guardados e registrados, mas uma vez repassado e também vivido de

forma intensa. É prazeroso fazermos coisas que gostamos, expressar coisas que sentimos, olhar coisas com “outros olhos”, adquirir aquilo que desconhecíamos e fazer valer o que amamos. Críticas ditas, problemas solucionados, estrada de barro, carruagem moderna, união dos grupos. Saudações eternas, risos marcantes, tristezas esquecidas, passado apagado, presente vivido, futuro previsto, sonhos sonhador e um dia realizador. Tudo isso foi, é, e sempre será o Projeto ATEIA.

Alice Márcia Ferreira da Silva

Vicência

O projeto mudou a minha vida porque eu não sabia muito sobre a sexualidade na adolescência. Minha mãe falava como era, mas não tão concreto como no ATEIA. Apreendi também outros temas que não são falados. Deixei de ser preconceituosa com lésbicas e homossexuais, parei um pouco de ter vergonha de dizer o que eu penso e o que eu sinto. Deixei de ser tão calada como eu era. O projeto me mostrou outro jeito de ver a vida.

Magda Morgana de Medeiros

Vicência

A importância é que o projeto ATEIA trouxe muitas informações para nossa vida e para o dia-a-dia dos jovens e adolescentes. Olhe, na minha opinião o projeto ATEIA chegou na

hora certa, porque tinha e tem muitas jovens e adolescentes que não sabiam se prevenir contra as doenças e com a chegada desse projeto mudou totalmente a vida de cada uma, porque com esse curso eles sabem se prevenir, cuidar da sua vida. Por isso, quando o curso demora a começar me dá uma dor de cabeça, mas quando chega o dia aí eu digo “oba”, vou aprender outras coisas novas que não sei e também o que eu aprendi no curso eu posso passar pra outras pessoas. Eu sempre digo “esse curso mudou a vida de muita gente”. Nós aprendemos sobre sexualidade, preconceito, sobre as leis, porque tinha muitas coisas mesmo que eu não sabia, e agora sei de coisas que nem imaginava saber, mas é bom saber as coisas do nosso corpo logo cedo. Tomara que esse curso não acabe nunca, que ele traga mais informações pra gente e ensine muito. SOS CORPO - um projeto maravilhoso, importante, novas descobertas - que siga sempre pra abrir os olhos dos nossos jovens e adolescentes do nosso Brasil.

Adeilza Edileuza de Souza

Vicência

Algo inexplicável, pois conheci mais direitos e deveres de nós cidadãos. Tive muitas descobertas sobre adolescência e sexualidade, movimentos, campanhas etc. Houve uma transformação muito grande na minha vida, porque descobri muitas opiniões diferentes e passei a valorizar melhor o pensamento de

cada um, pois nós temos opiniões diferentes e a partir do projeto consegui ouvir os outros e também dar a minha opinião.

Passei a me valorizar mais e descobri a minha criatividade. O projeto ATEIA, realmente, está entre as melhores coisas que aconteceram na minha vida. Foi ótimo. Muito obrigada.

Silvania da Silva

Comunidade Quilombola de Guaribas, Bezerros

Pra mim foi simplesmente muito importante, pois aprendi muito mesmo, espero um dia ter a oportunidade de repassar tudo que aprendi. Um dos temas mais importantes que achei foi gravidez na adolescência, aborto e direitos sexuais e reprodutivos, pois eles me ensinaram bastante. Aprendi com o decorrer da experiência. Hoje me sinto muito capaz de organizar algo...

O que pretendo futuramente!!!

Como mudarei de cidade, pretendo repassar o que aprendi com meus novos colegas nas aulas participativas de educação sexual, em três vezes por semana, com o que aprendi me sinto capaz de repassar sem dúvidas.

Maria Janeide da Silva

Vicência

Bem no começo, confesso que não me interessava muito. Mas após dois encontros, percebi que o conhecimento das outras pessoas e os meus conhecimentos se uniram e aí sim, eu

percebi que o grupo se tornou forte o bastante e isso me incentivou muito para continuar com o grupo e agora no fim do trabalho de dois anos lembro, sinto saudades e saudades, e acho que deixarei um pedaço de mim ao sair do grupo, mas sei que tudo valeu a pena, pois a perseverança, o amor ao próximo nunca vou esquecer, e com o grupo pude ver que a união faz a força e que a individualidade não leva a nada. Minha vida mudou “pacas” mas sei que foi pra melhor.

Foi muito bom... OPS... ótimo, e não sei se acharei outro grupo igual.

O projeto significa muita coisa pra mim. Ele trouxe tanta coisa nova, tanto conhecimento que eu não sabia. Foi graças a esse projeto que hoje posso ser alguém na vida.

Eu gostaria que ele nunca se acabasse, fosse em frente. É desse projeto que as pessoas precisam para aprender como se prevenir contra doenças, etc.

Que ele possa levar novos conhecimentos para outras pessoas, basta a pessoa querer. Foi com ele que eu hoje posso ser alguém na vida, ser feliz.

Esse projeto é um exemplo de vida não só para mim, mas para todos aqueles que fazem o projeto ATEIA. Ele é muito importante pra mim.

Joelma Edileuza de Souza

Vicência

Significa muita coisa, porque a gente não sabia. Este projeto veio em boa hora, bem a hora que a gente estava precisando, porque a gente estava na maior dificuldade como usar o preservativo, sobre as doenças contagiosas e outras coisas. Agora nós só temos que agradecer a todos que fazem parte do projeto o SOS.

Valdez Valdemar de Souza

Comunidade Quilombola de Guaribas, Bezerros

O projeto ATEIA foi importante para mim porque eu aprendi muitas coisas importantes na minha vida. Também aprendi mais um pouco sobre gênero e sexo, porque é uma coisa que todos nós devemos saber pra depois não sofrer com as consequências em nossas vidas.

Eu gostei também dos monitores que são umas pessoas muito capacitadas para ocupar este lugar de monitor porque é muito importante, pois eles e todas pessoas precisam de orientação.

Valdir Valdeci de Souza

Comunidade Quilombola de Guaribas, Bezerros

Durante todo tempo em que passei no projeto, eu achei todos os momentos muito proveitosos e importantes. Adorei tudo o que foi passado pra gente. São momentos maravilhosos de trocas de idéias e conhecimentos. O mais importante é que em cada oficina

sempre tem atividades novas e importantes também. Espero que nunca tenha que acabar, pois irei sentir muitas saudades. Nesse curso eu aprendi coisas que durante o meu período de escola ninguém nunca tinha falado pra mim. É sempre um prazer ter que aprender coisas que ainda não sei.

Agradeço primeiramente a Deus e segundo a todos do SOS CORPO que foram e continuam sendo pessoas maravilhosas.

Antes do projeto vivíamos em um mundo infeliz, pois só conhecíamos a nossa realidade, os adolescentes de Guaribas não tinham nenhuma informação sobre sexualidade, gênero, cor, direitos e deveres entre outros. Depois mudamos de opinião. Depois do projeto ficamos mais informados e conhecendo a realidade de outras pessoas de comunidades diferentes, tudo isso nós agradecemos a Deus, ao projeto ATEIA com as educadoras, monitores e monitoras que nos passaram informações, transformando a nossa realidade. Nós não tínhamos nenhum tipo de informação, mas agora é totalmente diferente, ficamos mais organizados, depois do grupo ATEIA nós conseguimos montar um grupo de Mazurca, que é uma dança típica da comunidade que estava sendo esquecida.

Maria das Graças Tertuliano

Comunidade Quilombola de Guaribas, Bezerros

Metodologias de trabalho educativo com adolescentes 60

Oficina 1 - Identidade 66

Oficina 2 - Adolescência 72

Oficina 3 - Relações de gênero 76

Oficina 4 - Relações de classes sociais 84

Oficina 5 - Relações raciais 92

Oficina 6 - Direitos sexuais e direitos reprodutivos 98

Oficina 7 - Corpo 102

Oficina 8 - Sexualidade e sexo seguro 108

Oficina 9 - Contracepção 112

Oficina 10 - Aborto 114

Oficina 11 - Adolescentes são sujeitos políticos 120

Referências Bibliográficas 124

parte



Metodologias de trabalhos educativos com adolescentes

O Projeto ATEIA priorizou a utilização de métodos de ação educativa que propiciam uma relação entre os conteúdos e a realidade dos sujeitos envolvidos, articulando as vivências individuais e coletivas, por meio da utilização de oficinas temáticas.

A partir destes princípios que são, ao mesmo tempo, políticos e pedagógicos, a METODOLOGIA utilizada constituiu-se de forma processual, onde o fazer educativo se relacionou com as demais ações e intervenções dos sujeitos, impulsionando ou desenvolvendo processos com incidência de impacto social e pessoal, contribuindo para processos de mudanças conceituais, comportamentais, valores... Enfim, possibilitando condições para uma vida sem discriminação de raça, gênero, geração e classe social.

Para falar sobre metodologia apresentamos algumas reflexões elaboradas a partir dos princípios do feminismo e da educação popular que pautam suas pedagogias na dimensão de liberdade centrada no sujeito e em sua experiência, permitindo a apropriação do conhecimento e a humanização do processo educativo com vistas à transformação das relações sociais.

Neste sentido, vamos trabalhar com a origem das palavras – MÉTODO e METODOLOGIA – pois ela nos ajuda na compreensão do processo de elaboração das ações educativas.

A palavra MÉTODO vem do idioma GREGO e surge a partir da junção de duas palavras:



Ou seja, o método tem em sua origem a idéia de percorrer caminhos, ou caminhos percorridos.

Desta derivamos para metodologia onde, através da decomposição da palavra, encontramos:



Então, **metodologia** seria o estudo do caminho percorrido. Estudo do jeito de fazer algo. É também a seqüência ordenada e flexível de fazer as coisas, baseada em princípios, onde os objetivos são previamente definidos, com métodos e técnicas.

Metodologia é também o procedimento lógico que permite desenvolver uma atividade educativa de forma completa, progressiva, coerente e participativa. Seria a ação planejada, ou o conjunto de métodos e técnicas ordenadas seqüencialmente para favorecer a abordagem de temáticas, atividades ou pro-

cessos educativos.

Mas, muita atenção! Metodologia não é apenas o uso de técnicas e dinâmicas, mas sim, a reflexão dos modos como uma dada ação educativa deve ser estruturada para facilitar a compreensão dos conteúdos a serem estudados, bem como possibilitar a integração e participação das pessoas com quem se vai trabalhar.

As técnicas e dinâmicas fazem parte da metodologia escolhida e não poderão ser utilizadas como “salvação” para que as pessoas gostem da atividade. Especialmente em se tratando do público de adolescentes, pois não podemos correr o risco de fazer a atividade ficar mais “leve”, ou menos formal, fazendo uso de brincadeiras, dinâmicas ou técnicas para facilitar a descontração, sem o devido cuidado do uso de métodos que facilitem o aprendizado, a participação e a integração das pessoas com os conteúdos que serão abordados.

Ao realizarmos a ação educativa, devemos estar atentas/os aos **princípios metodológicos** que orientam nossas ações que, repetimos, não são regras a serem seguidas, mas algumas orientações para o bom desenvolvimento das ações formativas. Além disso, toda ação educativa deve ser pensada e planejada de forma processual, pois ela não tem um fim único e acabado.

O desenvolver do método da atividade deve garantir o princípio da **CONSTRUÇÃO COLETIVA DOS CONHECIMENTOS** – a partir dos saberes que se entrecruzam, se constroem e reconstroem. O incentivo ao gosto pela leitura e escrita, bem como a elaboração de perguntas que provoquem questionamentos, são fundamentais para a construção de um processo participativo na atividade.

Neste aspecto, um dos princípios básicos de cunho político da metodologia é a ação voltada para a **TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE**, ou seja, a formação também se dá na própria ação.

Recomendações metodológicas para a ação educativa

Várias das orientações metodológicas aqui apresentadas não se aplicam exclusivamente ao trabalho educativo com adolescentes e ressaltam elementos importantes que podem vir auxiliar o/a educador/a durante o planejamento e desenvolvimento da ação educativa.

Por isso, apresentaremos algumas recomendações metodológicas concernentes às/ aos participantes, ao lugar do/a educador/a, à elaboração do roteiro metodológico, bem como à infra-estrutura da ação educativa.

1| Conhecimento sobre o público

A primeira etapa para realização das atividades é obter informações que ajudem a definir quem será o público participante e também na construção de seu perfil. No Projeto ATEIA, contamos com as parcerias, com lideranças locais e/ou grupos organizados de movimentos sociais, especialmente grupos de mulheres.

A relação com grupos e/ou lideranças nos ajudaram no levantamento do perfil das/os participantes, considerando que é muito importante que o/a educador/a esteja atento/a às várias características que compõem este perfil – quem são as pessoas, idade, classe social, escolaridade, relação do grupo com outros movimentos sociais, condições de moradia, relações com a família, etc.

2 | Estudar os conteúdos

Pensando a atividade enquanto ação processual, é necessário que o/a educador/a, tenha clareza da sua responsabilidade em coordenar, por isso é importante dedicar tempo para o planejamento da ação educativa a ser realizada, priorizando tempo para aprofundar estudos dos conteúdos e temas que serão abordados. Para este fim, o/a educador/a deve atualizar informações sobre o tema que será abordado, bem como sobre os

recursos pedagógicos que facilitem a aprendizagem.

3 | Processo preparatório

A ação educativa requer alguns cuidados em seu processo preparatório, entre eles:

Confirmação com antecedência do local de realização da atividade, levando em conta a localização geográfica para facilitar informações para as/os participantes, verificando as condições de limpeza, conforto do local, infra-estrutura e serviços disponíveis (no local e/ou próximo dele);

Articulação para garantir a presença das/os participantes negociando, informando e confirmando a data e horários de realização da atividade, bem como as condições de transporte, alimentação e outros aspectos, de acordo com o caráter da ação que se propõe.

4 | Preparar o roteiro de atividades

A preparação do ROTEIRO METODOLÓGICO deve contemplar os seguintes aspectos:

4.1 | *Objetivos da atividade*

Que é o mesmo que nos perguntarmos: “afinal, o que queremos com esta atividade?” Na formulação destes objetivos deve-se ter

o cuidado para não querer abranger tudo de uma única vez, como se a atividade em si fosse a única solução dos problemas. É preciso, portanto, definir com exatidão a que fim a ação ou a atividade se destina.

4.2 | *Critérios de participação*

É preciso que sejam acordados e definidos com clareza para poder orientar o processo de convite.

4.3 | *Seqüência de apresentação do(s) conteúdo(s) ou temática(s) abordada(s)*

É importante que seja organizada previamente. Por exemplo: se for tratar sobre sexualidade, estar atenta/o a se esta é a primeira vez que as/os adolescentes tratam sobre o assunto. Neste caso, é interessante haver algumas dinâmicas de relaxamento ou perguntas “provocadoras” ou mesmo pequenos trabalhos em grupos para que as/os adolescentes se aproximem mais da temática e se sintam à vontade para participar. Ainda neste item, é muito importante lembrar que no roteiro metodológico deve haver uma seqüência lógica entre os passos, os momentos que estão sendo construídos entre os conteúdos, dinâmicas, exposições dialogadas, etc. E não esquecer de definir o tempo de realização da atividade com a metodologia que está sendo proposta. Caso seja necessário recorrer a assessorias externas

para um tema ou exposição de experiências, o/a educador/a deve ter clareza da função da pessoa convidada e apresentar ou construir juntas/os o roteiro de trabalho indicando o tempo disponível.

4.4 | **Recursos e materiais pedagógicos**

É importante pesquisar, preparar e ou selecionar com antecedência aqueles que serão utilizados.

5 | **Orçar a ação educativa**

Também é importante saber se a atividade terá despesas e quais os tipos de gastos serão necessários. É fundamental orçar a ação tendo em vista os recursos disponíveis para as mesmas, e ou mobilizar-se para obtenção dos mesmos.

6 | **Avaliar a ação educativa**

É importante realizar, *no final da atividade*, uma avaliação para que se possa provocar no público (nas/os adolescentes) as falas sobre o significado, a importância e os aprendizados que foram abordados durante a atividade. E, por fim, preparar um *momento de encerramento* da atividade que também pode ser voltado, a depender do caso, às expressões de afetividade entre as/os participantes.

Bom, essas são apenas algumas dicas ou

orientações metodológicas que podem ajudar na realização da atividade educativa. Entretanto, é importante enfatizar que o jeito e a disposição do/a educador/a, também interfere nesse processo, portanto, cada uma/um deve escolher exercícios ou dinâmicas que seja capaz de aplicar com segurança e sem constrangimento.

No Projeto ATEIA, percorremos vários *caminhos*, incentivando *adolescentes a participar da construção das práticas metodológicas* de trabalho e inovando, ao passo em que juntas/os aprendíamos com a própria experiência. O resultado pode ser constatado nas páginas seguintes onde apresentaremos os roteiros das oficinas trabalhadas.



Objetivos

Construir coletivamente o perfil do grupo;

Possibilitar a instauração do sentimento de pertencimento ao grupo;

Possibilitar, junto às/aos adolescentes, a construção de espaços de reflexão sobre os diversos aspectos que constituem a identidade individual nas suas dimensões individual, grupal e coletiva.

Material

Folhas grandes de papel madeira ou branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva, tarjetas ou cartelas, lápis de cera e de cor, pincéis hidrocor finos, fio barbante, papel ofício, equipamento de som e CDs.

Exercício 1

Construção do grupo - Quem eu sou?

1.1 | Solicite que as/os adolescentes façam um desenho simbolizando algumas dimensões de si mesmas/os. Estes desenhos devem conter nome e idade da/o adolescente. Indicamos a utilização de perguntas orientadoras, pois isto ajuda na compreensão da atividade a ser realizada, bem como possibilita um campo de reflexão e conhecimento comum a todas/os as/os adolescentes. Nesse

exercício trabalhamos com as seguintes questões:

- a) Como eu me vejo?
- b) O que eu mais gosto de fazer?
- c) O que eu não gosto de fazer?
- d) Qual a minha maior qualidade?
- d) Qual a minha maior dificuldade?
- e) Qual o meu sonho?

1.2 | Exponha os desenhos e peça às/aos participantes que vejam o material produzido por todas/os.

1.3 | Depois de percorrer toda a exposição, peça a cada participante para ficar próximo do seu desenho e fazer a apresentação do mesmo.

1.4 | Após as apresentações, abra o debate para que o grupo possa fazer outras perguntas, aumentando assim as informações e o conhecimento mútuo.

Exercício 2

Quem somos nós?

2.1 | Para construção do perfil do grupo, indicamos a utilização do exercício conhecido como “A Barca” que possibilita, de modo ágil e divertido, o levantamento de dados fundamentais para o conhecimento e reconhecimento do grupo.

2.2 | *Descrição do exercício A Barca:*

Peça ao grupo que se imagine em uma barca.

Em seguida o/a educador/a vai narrando uma situação de naufrágio, com bastante perigo.

As alternativas de salvamento são os vários botes. Estes serão formados a partir das características que o/a educador/a considera pertinentes, por exemplo, idade, escolarização, condições de moradia, tipo de arranjo familiar em que está inserida/o, pertencimento racial, denominação religiosa, gostos musicais, práticas esportivas, participação ou não em movimentos sociais, dentre outros.

Os botes são feitos e em seguida desfeitos, fazendo com que o grupo retorne a barca original, para depois formar um outro bote e assim sucessivamente até que o perfil tenha sido construído.

É importante que o/a educador/a registre a quantidade de pessoas em cada bote que se forma (por isso é necessário que as questões a serem trabalhadas estejam previamente construídas) para que no final do exercício o grupo possa visualizar as suas várias conformações.

Exercício 3

A teia: apresentação das expectativas

3.1 | Solicite ao grupo que forme um círculo.

3.2 | Em seguida, passe um rolo de fio bar-bante informando que no momento em que cada participante receber um pedaço desse fio deve dizer quais são as suas expectativas em relação ao grupo.

3.3 | Depois que todas/os receberem o bar-bante terá se formado uma teia, composta a partir das pessoas e suas expectativas.

3.4 | Abra o debate com o grupo para anali-sar as possibilidades de realização das ex-pectativas levantadas, reforçando, ao mesmo tempo, que tal realização depende do trab-alho coletivo.

3.5 | O registro das expectativas é um elemento importante, assim caso o/a educa-dor/a esteja trabalhando sozinho/a, é preferí-vel que ele/a não participe da formação da teia de modo a poder anotar os conteúdos que serão apresentados. A participação do/a educador/a na construção do processo cole-tivo pode ser trazida para o grupo no mo-mento em que os debates forem abertos.

Exercício 4

O trabalho em grupo

4.1 | Forme pequenos grupos para refletir sobre as seguintes questões:

O que mais gosto no trabalho em grupo?

O que menos gosto no trabalho em grupo?

Quais são as maiores vantagens de se traba-lhar em grupo?

Quais as maiores desvantagens de se traba-lhar em grupo?

Quais são as facilidades de se trabalhar em grupo?

Quais são as dificuldades de se trabalhar em grupo?

4.2 | As questões devem ser apresentadas em um cartaz, de modo que todos os grupos possam visualizar os conteúdos produzidos e interagir com eles com mais facilidade.

4.3 | No final da apresentação de todos os grupos, abra o debate sobre as questões apresentadas, em especial o campo das proposições sobre dificuldades e desvanta-gens, pois a partir delas é que serão construí-dos os acordos e compromissos.

4.4 | A construção dos compromissos deve ser feita na plenária com o registro de todos os pontos que foram acordados. É impor-

tante que cada compromisso seja analisa-do com cuidado pelo grupo e pelo/a educa-dor/a, já que constituíram as bases dos pro-cessos e relações grupais. Não é necessário que todas as decisões sejam por consenso, pode-se trabalhar também com as escolhas da maioria. Contudo, os processos decisórios devem ser bem estabelecidos e o/a educa-dor/a deve ficar atento/a para que todas/os tenham compreendido as regras criadas e decididas coletivamente.

Comentários

1 | É importante distinguir as várias dimen-sões da identidade, conforme apresentadas por Gouveia (1999)¹.

Identidade Pessoal: é a identidade subjetiva, o sentimento de que “eu sou”, o que nos dá a idéia de unicidade e particularidade - afinal ela é mesmo única - apesar de não ser essên-cia nem imutabilidade.

Identidade Social: é um atributo dos indi-víduos ou grupos em suas relações com a so-ciedade, o que tem por consequência o fato de que não existe apenas uma identidade

1| GOUVEIA, Taciana. Gênero e Cotidiano. In:PORTELLA, Ana Paula e GOUVEIA, Taciana. Idéias e Dinâmicas para Trabalhar com Gênero. 2ª edição. Recife : SOS Corpo, 1999.

social, mas sim múltiplas, conforme o tipo e a quantidade de relações estabelecidas. Elas se remetem constantemente ao grupo, na medida em que o indivíduo se identifica com uma ou mais características de um deter-minado grupo e a partir de então sente-se pertencente a ele, pautando suas condutas e gerando expectativas em função destes atributos. Para algumas correntes teóricas a identidade social é o mesmo que papel, contudo, ao nosso ver, a noção de papel não permite apreender as dimensões subjetivas que a idéia de identidade comporta. Isto fica claro quando pensamos a identidade social na perspectiva da estrutura e dinâmica das relações de gênero.

Identidade Coletiva: o que a diferencia da identidade social é o grande espaço ocupado pela criatividade, pelo “nós” enquanto institu-ição de si mesmo. A identidade coletiva é, na nossa perspectiva, uma criação de grupos e movimentos sociais. Sua esfera de constitu-ição é a ação política, na medida em que ela se estabelece como uma resposta concreta a uma dada necessidade. Ou seja, a identi-dade coletiva se institui na e pela ação. Em consequência, a construção desta identidade se articula a um determinado projeto que se elabora e tem suas raízes (mas não uma determinação exclusiva e finalista) em condi-cionantes objetivos implicando, portanto, em processos de transformação que, por sua vez, têm por objetivo modificar ou abolir

a situação inicial que deu origem à própria identidade.

Estas dimensões estão articuladas com exercícios propostos: o exercício 1 trabalha alguns aspectos da identidade pessoal; o exercício 2 trabalha a identidade social, e transitando para a identidade coletiva que é o foco dos exercícios 3 e 4.

2 | O exercício 4 deve ser preferencialmente utilizado em grupos que já têm algum tempo de existência, em função do tipo de questão formulada.

3 | Caso o grupo seja inicial, os passos da oficina aqui propostos também são pertinentes, embora se reconheça que talvez seja necessário um tempo maior para aprofundamentos, bem como para uma retomada mais frequente dos compromissos e acordos, sobretudo quando o grupo passar por situações ou enfrentamentos difíceis.

4 | Para a construção do PERFIL do grupo na dinâmica da BARCA é importante que a/o educadora/or liste antes quais os elementos de informações imprescindíveis na composição do grupo e tenha o cuidado para a dinâmica não ficar cansativa.

5 | No exercício 4, a composição dos grupos deverá ter critérios do tipo: idades diferenciadas, paridade entre meninas e meninos, e o tipo de participação destas/es no grupo.



Oficina sobre adolescência

Objetivos

Refletir sobre as experiências de ser adolescente.

Debater o conceito de adolescência, destacando as determinações de gênero, classe, raça/etnia.

Material

Folhas grandes de papel madeira ou branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva, tarjetas ou cartelas, lápis de cera e de cor, pincéis hidrocor finos, fio barbante, papel ofício, fita adesiva, equipamento de som e CDs.

Orientações

Exercício 1

Ideal / Real

1.1 | Forme pequenos grupos, de preferência divididos por sexo. Peça para cada grupo elaborar quatro cartazes com a representação gráfica (desenho e/ou colagem), e a descrição física e psicológica a partir das seguintes orientações:

cartaz A: a adolescente ideal;

cartaz B: o adolescente ideal;
cartaz C: a adolescente real;
cartaz D: o adolescente real.

1.2 | É importante que os cartazes sejam elaborados na ordem acima indicada, pois isto facilita a estruturação do pensamento, já que as/os adolescente tendem a operar por comparação, fazendo do ideal o oposto exato e positivo do real.

1.3 | Apresentação dos grupos. Não há debates neste momento, apenas exposição dos cartazes.

Exercício 2

Entre o ideal e o real.

2.1 | Individualmente, as/os adolescentes devem responder às questões abaixo, destacando tanto os aspectos físicos, quanto psicológicos. Cada descrição deve vir acompanhada de uma representação gráfica (desenho e/ ou colagem):

como eu era na infância?

como eu sou agora?

como serei quando for adulta/o?

2.2 | Apresentação dos cartazes.

2.3 | Retome os grupos do exercício 1 e compare o que cada uma/um falou sobre si com os cartazes produzidos sobre a/o adolescente ideal e real. Em plenária, debater os conteúdos elaborados nos dois exercícios.

Exercício 3

Representações da Adolescência

3.1 | Forme grupos diferentes dos anteriores e distribua um conjunto de revistas e jornais (este material deve ser o mais variado possível, incluindo tanto aqueles dirigidos ao público adolescente, como semanários e revistas em geral). Peça que elas/eles façam uma análise dos mesmos, a partir das seguintes questões:

O que mais lhes chamou a atenção no modo como as/os adolescentes são representadas/os nesses materiais?

Há diferenças nas representações de adolescentes masculinos e femininos? Se sim, quais?

Há diferenças nas representações de adolescentes ricos/os e pobres? Se sim, quais?

Há diferenças nas representações de adolescentes negras/os e brancas/os? Se sim, quais?

Que explicações vocês dão para estas diferenças?

Vocês se reconhecem nessas imagens?
Por que?

Estas elaborações devem ser feitas em forma de texto escrito que serão apresentadas e seguidas de debates em plenária.

Exercício 4

A Adolescência pelas/os adolescentes

4.1 | Explique às/aos adolescentes o significado da palavra acróstico². Em uma folha em branco cada uma/um escreverá uma palavra derivada das letras que compõem a palavra adolescência.

4.2 | Após a conclusão da etapa individual, formar grupos para compartilhar os acrósticos, debatendo as idéias expressas e formando, em seguida, um acróstico do grupo.

4.3 | Apresentação e debates. Na plenária construir coletivamente o conceito de adolescência.

2| Acróstico - Composição poética em que o conjunto das letras iniciais (e às vezes a do meio ou do fim) dos versos formam um determinado nome. Cfe Dicionário Priberam on line (www.priberam.pt/dlpo/dlpo.asp)

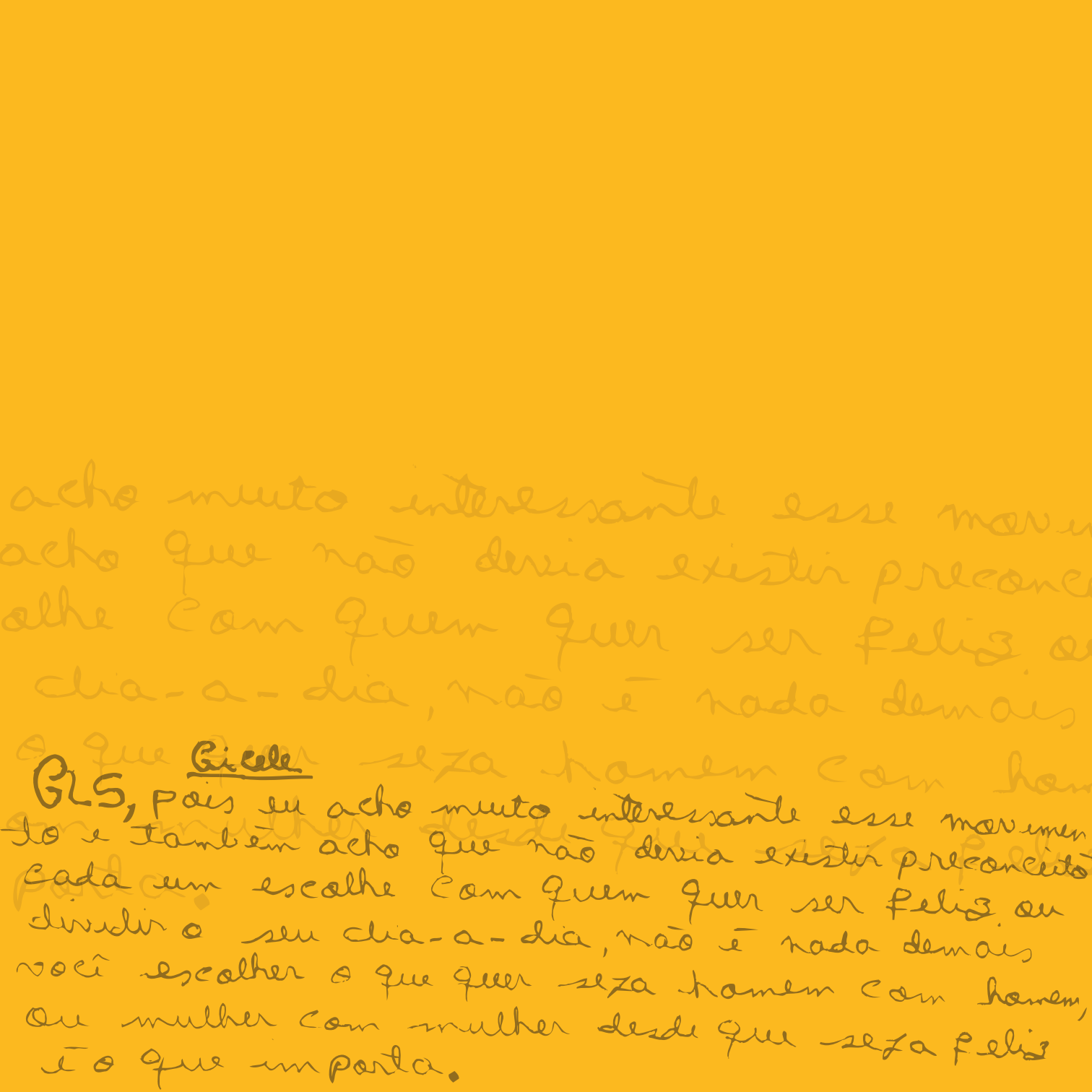
Comentários

1 | O exercício 2 aborda questões que requerem muita atenção e delicadeza por parte do/a educador/a, pois o momento das comparações pode gerar incômodos pessoais e/ou grupais.

2 | Durante os debates de todos os exercícios é importante retomar as dimensões da identidade tratados na oficina anterior.

3 | É importante que o/a educador/a faça intervenções que enfatizem as dimensões de gênero, classe e raça na conformação do conceito e na vivência da adolescência. Outro elemento fundamental é construir uma abordagem sócio-histórica da adolescência.

4 | O/a educador/a deverá fazer articulações entre todos os conteúdos trabalhados durante a oficina, pois isto facilitará a realização da última etapa do exercício.



Oficina sobre relações de gênero

Objetivo

Possibilitar às/aos adolescentes a compreensão e construção do conceito de relações de gênero, com ênfase na dimensão das desigualdades.

Material

Folhas grandes de papel madeira ou branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva, tarjetas ou cartelas, lápis de cera e de cor, pincéis hidrocor finos, papel ofício, equipamento de som e CDs.

Material de Apoio

Um jogo de cartelas.
Texto de apoio para o/a educador/a: “O que é gênero?”, de Taciana Gouveia e Sílvia Camurça. Edições SOS Corpo.

Orientações

Exercício 1

*O jogo do sexo / gênero*³

1.1 | Desenhe no quadro ou no flipchart um quadro com duas colunas, uma com o título “Mulheres” e outra com o título “Homens”. Peça para que o grupo indique rapidamente

quais as características que identificam homens e mulheres, estimulando diferentes tipos de características: físicas, emocionais, comportamentais, etc. Anote cada característica na coluna respectiva.

1.2 | Depois de esgotadas as respostas, troque os títulos das colunas. Se estiver trabalhando com quadro, apague os títulos e escreva a palavra “mulher” no lugar da palavra “homem” e “homem” no lugar de “mulher”. Se estiver trabalhando com cartazes, cole uma cartela com a palavra “homem” em cima do título “mulher” e vice-versa.

1.3 | Pergunte ao grupo, palavra por palavra, se a característica ainda permanece naquela coluna, como atributo específico de ser homem ou mulher. Você pode utilizar uma pergunta do tipo: existe homem sensível? Se a resposta for afirmativa - e deve ser - você apaga ou risca esta característica. Você verá que a maioria das características pode ficar nas duas colunas, ou seja, podem ser transferidas de uma coluna a outra. Aquelas

características que não podem ser transferidas, que são apenas de homem ou de mulher, são as características relacionadas ao sexo (nas mulheres: vulva, vagina, útero, ovário, trompas, seios, gravidez, parto e amamentação; nos homens: pênis, testículos, próstata, ejaculação, ereção, pelos no peito, barba e bigode). As demais relacionam-se com gênero.

1.4 | O grupo comenta o exercício e o/a educador/a faz uma breve exposição sobre o tema, apoiada nas transparências.

1.5 | Durante os debates sobre o exercício a/o educadora/or introduz os conteúdos sócio-históricos sobre o tema, destacando que as relações de gênero e os atributos sociais dados às mulheres ou aos homens revelam e reforçam situações de desigualdade e relações de poder.

1.6 | O grupo comenta o exercício e a/o educadora/or faz uma breve exposição sobre o tema.

Exercício 2

*Estava escrito*⁴

2.1 | Explique o exercício chamando a aten-

3| Este exercício foi adaptado de outro, do mesmo nome, publicado em PORTELLA & GOUVEIA, Op.cit. pg.127. Nessa publicação, as autoras afirmam não terem localizado a referência original, por isso citam diferentes organizações que o mencionam em seus documentos, ainda que com títulos diversos. São elas: Novib (Holanda), Fnuap (Fundo de População das Nações Unidas), G&TDC (Gender and Development Training Centre, Holanda) e IWID (Initiatives: Women in Development)

4| Este exercício é uma versão reduzida do exercício de mesmo nome que foi publicado em PORTELLA & GOUVEIA, Op.cit.pg. 71.

ção para o fato de que as afirmativas contidas nas cartelas são reais e a maioria delas foram ditas por pessoas famosas e muito importantes em sua época.

2.2 | Peça para que se formem pequenos grupos e distribua até cinco cartelas para cada um, junto com a ficha de trabalho com quadros. Percorra os grupos para esclarecer dúvidas quanto aos autores e autoras das afirmações. Peça para que as pessoas leiam e analisem as cartelas, identificando para cada cartela, as consequências destas afirmações para a vida de mulheres e de homens e se houve mudança na atualidade. Peça para que construam argumentos para explicar as mudanças e identificar suas consequências para a vida de mulheres e homens.

2.3 | Distribua os materiais e peça para que o grupo faça um cartaz com recortes, desenhos ou textos que sintetize a discussão e a mudança do passado para o presente. Paralelamente, os quadros da ficha de trabalho são preenchidos e apresentados ao grande grupo junto com o cartaz-síntese.

2.4 | Comente os resultados e faça uma breve exposição sobre o tema.

2.5 | Em seguida, forme os grupos e distribua as cartelas, procedendo a leitura em voz alta de cada uma e explicando quem era a/o autora/or e o contexto sócio-político em

que ela/ele vivia.

2.6 | Cada grupo receberá um conjunto de quatro cartelas, sendo que três delas contêm frases negativas sobre as mulheres e uma que contém frases de mulheres sobre suas vidas.

2.7 | Os grupos devem trabalhar a partir de perguntas orientadoras que deverão ser sintetizadas em um cartaz.
Questões:

Quais as idéias centrais de cada uma das cartelas sobre as mulheres?

Que consequências essas idéias tiveram e têm, até hoje, na vida das mulheres?

2.8 | Apresentação e debates. Nesse momento é importante explorar bem a argumentação dos grupos ao mesmo tempo em que vai incluindo novas informações e questões, buscando demonstrar a permanência de muitas dessas idéias no momento atual.

Exemplos de frases que podem ser usadas nas cartelas:

Resistência

Sim, eu sou uma defensora do amor livre. Eu tenho um direito inalienável, constitucional e natural de amar quem eu quero, de amar tão longa ou brevemente quanto posso, de mudar este amor todo dia se me agrada; e com

este direito nem você, nem qualquer lei que você possa forjar, tem o direito de interferir. (WOODFULL, Victoria, feminista, EUA, séc.. XIX)

Resistência

O homem aí diz que as mulheres precisam ser ajudadas para subir nas carruagens e carregadas para passar regos, e para ter o melhor lugar em todos os cantos. Ninguém nunca me ajudou nas carruagens ou em cima de lamaçais ou para me dar o melhor lugar – e eu não sou uma mulher? Olha meu braço! Eu lavei e plantei e recolhi em celeiros e nenhum homem pode me comandar – e eu não sou uma mulher? Pude trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tive a oportunidade – e agüentar o chicote também! E não sou uma mulher? Tive treze filhos e vi a maioria vendida à escravidão, e quando chorei com minha dor de mãe, ninguém senão Jesus me ouviu – e eu não sou mulher? (TRUTH, Sojourner, ex-escrava, liderança abolicionista, EUA, séc. XIX).”

Inteligência

Uma mulher que exercita sua inteligência fica feia, louca e macaca. (PROUDHON, socialista, França, séc. XIX)

Inteligência

Existem, sem dúvida, algumas mulheres notáveis, muito superiores ao homem mediano, mas são tão excepcionais quanto o nascimento de qualquer monstruosidade

como, por exemplo, de um gorila com duas cabeças; conseqüentemente, podemos ignorá-las por completo. (LE BON, Gustave, psicólogo e sociólogo, França, séc. XIX e XX)

Sexo

As partes naturais da mulher(...)são a causa da maioria dos nossos pesares, tanto quanto dos nossos prazeres, e, se assim posso dizer, quase todas as desordens que aconteceram no mundo e que ocorrem ainda, todos os dias, provém destas mesmas partes. (VENETTE, Nicolas, médico, França, séc. XVII)

Sexo

(Como) esse animal divino, cheio de razão e de juízo, a que chamam homem, pode ser atraído por essas partes obscenas da mulher, maculadas de humores e situadas vergonhosamente na parte baixa do tronco? (DU LAURENS, médico, França, séc. XVI e XVII).

Maldade

A mulher é um animal que não é firme, nem estável, odiável, nutridor da maldade... Ela é a fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. (Sto AGOSTINHO, considerado “Pai” da Igreja Católica, Bispo de Hipona, Argélia, sécs. IV e V).

Educação

Toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Agradá-lo, ser-lhe útil, fazer-se amada e respeitada por eles, educá-los

quando jovens, cuidar deles quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes doce e agradável a vida, eis aí os deveres das mulheres, em todos os tempos, o que lhes deve ser ensinado desde o berço. (ROUSSEAU, Jean-Jacques, filósofo, França, séc. XVIII).”

Modelo para construir o cartaz:

FRASES	IDÉIAS CENTRAIS DAS FRASES	CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DAS MULHERES
Inteligência		
Sexo		
Maldade		
FRASES	IDÉIAS CENTRAIS DAS FRASES	CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DAS MULHERES
Inteligência		
Sexo		
Educação		
FRASES	IDÉIAS CENTRAIS DAS FRASES	CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DAS MULHERES
Resistências		

Exercício 3

Escute essa canção ⁵

3.1 | Este exercício divide-se em dois momentos: o primeiro trabalha a representação das mulheres nas músicas, enquanto que o segundo é focado nas representações masculinas.

3.2 | Forme grupos por sexo.

3.3 | Distribua as letras das músicas a serem trabalhadas, faça a leitura de cada uma, informando o/a autor/a e o ano em que foi escrita.

3.4 | Em seguida, reproduza o áudio das mesmas e, caso o grupo as conheça, peça para que cantem juntos/as.

3.5 | Distribua o roteiro de questões e peça para que cada grupo faça um cartaz que simbolize as questões tratadas pelas músicas. É importante destacar que a produção do cartaz não substitui as respostas escritas das questões. As análises devem ser feitas para cada uma das músicas.

5| Este exercício é uma versão adaptada do exercício de mesmo nome que foi publicado em PORTELLA & GOUVEIA, Op.cit.pg. 69-70

Questões :

a) Qual é a representação que estas músicas fazem sobre mulheres/homens? Destaque as características mais fortes dessas representações.

b) Com quais destas características você se identifica? (esta pergunta é dirigida apenas aos grupos formados por meninas; quando da análise de canções sobre as mulheres, e só para os meninos quando a análise das canções sobre os homens)

c) Quais destas características você considera mais importantes numa mulher? (esta pergunta é dirigida apenas aos grupos formados por meninos; quando das canções relativas às mulheres. No caso das canções sobre homens só as meninas respondem)

d) Para vocês, como é ser mulher hoje?

e) Cada uma deve escolher uma frase ou verso que mais gostou (esta questão é só para as meninas).As meninas escolhem a partir das músicas sobre as mulheres.

3.6 | Apresentação e debates.

3.7 | Peça aos grupos para retornarem à sua formação inicial para trabalhar o segundo momento focado nas canções sobre os homens.

Comentários

1 | Esta oficina está dividida em três momentos, desenvolvidos a partir de exercícios específicos e articulados, que buscam dar conta das principais dimensões que constituem as relações de gênero: o conceito; a construção histórica das relações através dos discursos científico, filosófico, religioso e político; a atualização das relações de desigualdade e a experiência cotidiana das/os adolescentes.

2 | Evidentemente que estes conteúdos não esgotam todas as questões constituintes das relações de gênero e esta também não é a nossa intenção. O que objetivamos é criar um patamar comum de conhecimentos a partir do qual as/os adolescentes possam construir análises da realidade tomando as relações de gênero como uma de suas dimensões estruturantes. Ou seja, este é um conteúdo que estará presente em todas as atividades. A lógica da construção desta oficina, a partir dos três exercícios, permite que se façam alterações com a localização do **exercício 1 – o jogo do sexo/gênero** – que introduz a dimensão conceitual, pois ele tanto pode ser utilizado com esta função, como também no processo de consolidação dos conhecimentos construídos, ou seja, no final da oficina.

3 | O momento em que trabalhamos a construção histórica das relações de gênero – **exercício 2 - estava escrito** – requer do/a

educador/a um levantamento prévio sobre as/os autoras/es das frases, bem como informações gerais sobre os contextos históricos referidos nas cartelas. Isto possibilita às/aos adolescentes uma compreensão mais ampla dos processos sociais, políticos e econômicos que conformam a estrutura e a dinâmica das relações de gênero. Um momento muito importante desse exercício é utilizar frases de mulheres que participaram de movimentos de mulheres/feministas ou de movimentos sociais, no sentido de demonstrar que as relações de gênero foram - e são - historicamente processos de resistências e conflitos por parte das mulheres.

4 | No que se refere à atualização das experiências das/os adolescentes com relação à dimensão de gênero, optamos por trabalhar com a análise das músicas como elemento gerador da reflexão, mantendo uma articulação lógica com a estrutura do exercício anterior - falas sobre mulheres e homens – ao mesmo tempo em que propicia um campo de identificação para as/os adolescentes. As indicações que fazemos aqui são apenas exemplos, outras músicas podem ser incluídas, mas é importante que esta seleção tenha uma variedade de representações sobre as mulheres e homens, ressaltando-se aspectos contraditórios e conflitivos dessas representações. Aconselhamos também a utilização de músicas contemporâneas, mas de períodos diferentes e desaconselhamos

fortemente o uso de músicas de conteúdo pejorativo.

5 | As músicas possibilitam, ainda, o trabalho com textos escritos em formatos diferentes, reforçando outras possibilidades de leitura e interpretação de textos. Por ser um exercício que lida com o campo das representações agregamos a criação de cartazes a partir de fotos retiradas de revistas, compondo, deste modo, um painel mais completo de imagens que expressam as relações de gênero.

Exemplo de músicas que podem ser utilizadas.

Sobre as Mulheres

Dona (Sá e Guarabira)

Você é Linda (Caetano Veloso)

Mulheres (Martinho da Vila)

Ser, Fazer e Acontecer (Gonzaguinha)

Cor de Rosa Choque (Rita Lee)

Sobre os Homens

Ponto de Interrogação (Gonzaguinha)

Super Homem – a canção (Gilberto Gil)

Ainda é Cedo (Legião Urbana)

Acima do Sol (Skank)

Um Homem também chora
– Guerreiro Menino (Gonzaguinha)

Oficina sobre relações de classes sociais

Objetivos

Refletir com as/os adolescentes sobre a dimensão de classe social na estruturação das desigualdades e injustiças na nossa sociedade, e como esta dimensão afeta suas vidas.

Possibilitar às/aos adolescentes a construção de capacidade analítica da realidade a partir das relações entre as classes.

Material

Folhas grandes de papel madeira ou branco, pincéis atômicos de diferentes cores, tarjetas ou cartelas, lápis de cera e de cor, pincéis hidrocor finos, papel ofício, fita adesiva, equipamento de som e CDs.

Material de Apoio

Dados dos indicadores sócio-econômicos do Brasil – Fontes tipo IBGE, PNAD, música Miséria – Grupo Titãs.

Orientações

Exercício 1

Adolescentes são diferentes?

1.1 | Forme grupos para que elaborem os

seguintes cartazes:

Descrição de uma/um adolescente pobre

Descrição de uma/um adolescente de classe média

Descrição de uma/um adolescente rica/o

Todos os cartazes devem conter os seguintes elementos: características físicas, características psicológicas, como é a sua casa, o que faz, que tipo de lazer tem, qual o rendimento familiar mensal.

1.2 | Apresentação dos grupos e debates.

Exercício 2

Pesquisando a condição sócio-econômica. Classificação econômica no Brasil.

2.1 | Forme duplas, que deverão responder às duas ficha (pesquisa de classe econômica / poder de compra). Cada uma/um integrante da dupla aplicará o questionário com sua/seu parceira/o, apurando em seguida os resultados.

2.2 | Em seguida, divida o grupo em dois subgrupos para a apuração prévia dos resultados coletivos, com percentuais. Isto significa que, antes de começar, esta etapa o/a educador/a deve fazer uma exposição sobre

o que significam percentuais e como são calculados.

2.3 | Trabalhe juntando as apurações feitas pelos dois subgrupos refazendo os percentuais de modo a ter informações totalizadas de todo o grupo. Os números obtidos devem ser visualizados de modo a possibilitar a realização da etapa seguinte.

2.4 | A construção das análises dos resultados pode ser feita na plenária, ou em pequenos grupos, para posterior socialização. Em ambos os casos é importante que o/a educador/a estimule as/os adolescentes a explorarem os vários planos que podem estar contidos nos resultados, fazendo não apenas as análises, mas também lançando perguntas para o debate.

2.5 | No momento da apresentação e debates dos resultados, o/a educador/a deve problematizar o próprio instrumento, conforme indicamos anteriormente.

Ficha 1: Perfil

Ítems	Não tem	1	2	3	4 ou mais
TV em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Vídeo e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					
TOTAL					

Ficha 2: Grau de Instrução da/o chefe da família

- ☐ analfabeta/o – 1 grau menor incompleto
- ☐ 1º grau menor completo/ 1º grau maior incompleto
- ☐ 1º grau maior completo/ 2º grau incompleto
- ☐ 2º grau completo/ superior incompleto
- ☐ superior completo

Material de apoio ao exercício

Sistema de pontos 1: <i>Classificação econômica no Brasil</i>						
Ítems	Não tem	1	2	3	4 ou mais	
TV em cores	0	2	3	4	5	
Rádio	0	1	2	3	4	
Banheiro	0	2	3	4	4	
Automóvel	0	2	4	5	5	
Aspirador de pó	0	2	4	4	4	
Máquina de lavar	0	1	1	1	1	
Vídeo e/ou DVD	0	1	1	1	1	
Geladeira	0	2	2	2	2	
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2	
TOTAL	0	1	1	1	1	

Sistema de pontos 2: <i>Por grau de instrução da/o chefe de família</i>		Sistema de pontos 3: <i>Por cortes do critério Brasil – classes sociais</i>		
Analfabeta(o) / 1º grau menor incompleto	0	Estratos	Pontos	Total Brasil (%)
1º grau menor completo/1º grau maior incompleto	1	A1	30-34	1
1º grau maior completo/2º grau maior incompleto	2	A2	25-29	5
2º grau maior completo/Superior incompleto	3	B1	21-24	9
Superior Completo	5	B2	17-20	14
		C	11-16	36
		D	6-10	31
		E	0-5	4

Exercício 3

As desigualdades sócio-econômicas no Brasil

3.1 | Forme pequenos grupos e distribua um conjunto de indicadores sócio –econômicos do Brasil, de preferência com dados atualizados e informações sobre as localidades onde as/os adolescentes vivem. É importante que as várias dimensões por meio das quais se expressam as desigualdades sejam trabalhadas, conforme indicamos anteriormente.

3.2 | Os grupos devem fazer análises livres, ou seja, sem que haja um roteiro de questões, possibilitando-se, assim, uma apropriação das informações a partir do conhecimento anterior e do interesse das/os adolescentes. É importante fazer uma articulação entre o modo de realização deste exercício e o anterior, demonstrando que a lógica é a mesma. Contudo, neste momento, as análises são mais complexas porque trabalham com uma quantidade maior de informações. As análises devem ser registradas de preferência em folhas grandes para facilitar a visualização.

3.2 | Apresentação e debates. Aqui o/a educador/a, tendo construído previamente a sua própria análise, deve conduzir os debates de modo a ir complexificando as argumentações das/os adolescentes e buscando articular a dimensão das desigualdades de classe, com

aquelas provocadas pela dinâmica das relações de gênero. É importante ainda construir as pontes com o tema da próxima oficina, ou seja, as relações raciais.

3.4 | Para fechar este exercício, após as análises dos dados, retorne aos grupos e distribua revistas e jornais atualizados de modo que as/os adolescentes selecionem materiais que se relacionam com o tema das desigualdades de classe.

3.5 | Apresentação e debates. Durante os debates é importante que o/a educador/a, a partir dos materiais apresentados, possibilite que o grupo construa uma síntese coletiva sobre as relações de classe e o modo como elas configuram o campo das desigualdades.

Comentários

1 | Um ponto importante no trabalho com o conceito de classes sociais é não restringir as análises à dimensão da pobreza ou à idéia de camadas sociais. É necessário que trabalhe-mos com conceituações mais complexas, como é o caso das várias tradições marxistas. À primeira vista, pode parecer que este seja um tema de difícil compreensão ou de baixo interesse por parte das/os adolescentes. Contudo, como se verá a seguir, é possível construir estratégias pedagógicas que facilitem a apropriação do conceito pelo grupo,

tornando este conteúdo uma base importante para as análises futuras.

2 | Esta oficina também está estruturada em três momentos desenvolvidos a partir de exercícios específicos que objetivam trabalhar a dimensão das classes nos seguintes planos: experiência das/os adolescentes, estereótipos e preconceitos, e conceito de classe social e desigualdades sócio-econômicas no Brasil.

3 | O tema das relações de classes sociais requer uma atenção especial por parte das/os educadoras/es quando se está trabalhando com adolescentes que vivem em situação de pobreza, na medida em que é muito freqüente em nossa sociedade - que se estrutura a partir de princípios individualistas e meritocráticos - a existência nas pessoas de sentimentos de vergonha ou embaraço por viverem nesta situação, procurando em muitos casos, negar ou esconder sua condição. É preciso muita delicadeza, calma e segurança no desenvolvimento das atividades para não correr o risco de reforçar essas visões ou cair em seu oposto, ou seja, valorizar a pobreza sem aprofundar as dimensões de injustiça e desigualdades aí contidas.

4 | **O exercício 1 – Adolescentes são diferentes?!** tem como eixo as representações das/os adolescentes sobre as classes sociais (trabalhamos nesse momento com o modelo

mais tradicional dessa abordagem, isto é, ricos/os, classe média e pobres) buscando refletir sobre as seguintes dimensões: auto-representação e representação da/o outra/o; o universo dos estereótipos e preconceitos; (des)conhecimento da realidade das outras classes sociais que não aquela de seu pertencimento. No desenvolvimento deste exercício é freqüente que as/os adolescentes, quando solicitadas/os a se localizar em uma das classes, sintam alguma dificuldade e apresentem, como estratégia de resolução, a divisão da classe média em outros extratos, situando-se assim na classe média baixa. Recomendamos que a/o educadora/or explore os sentimentos e percepções envolvidas nesta localização e suas representações, deixando para o momento do exercício 2, a confrontação entre o que elas/es pensam sobre suas reais condições de vida.

5 | O desenvolvimento do exercício 2, ainda que sua estrutura e origem estejam nas pesquisas de mercado e, portanto, incompleto para dar conta de todas as dimensões envolvidas na questão das classes sociais, pode ser explorado de várias maneiras, inclusive, favorecendo o debate das suas insuficiências e a ideologia que o sustenta. Por exemplo, deve ser explorado o fato de que a estrutura dos questionários e a classificação deles derivada funcionam como um modo de estratificar as pessoas, sem permitir uma análise das contradições e dos conflitos de classe. Outro

elemento importante é refletir sobre o fato de que a categorização proposta é baseada fortemente no acesso a bens de consumo e não na localização no sistema de produção e na estrutura de poder, fazendo-se uma ponte com a análise e crítica da sociedade de consumo. Mesmo considerando as insuficiências deste instrumento, recomendamos a sua utilização, não apenas pelas questões já acima mencionadas, como também por ser algo que as/os adolescentes conhecem em maior ou menor medida, já que são categorizações deste tipo que constituem a maioria das pesquisas veiculadas na grande imprensa.

6 | A participação da/o educadora/or é importante na medida em que provavelmente será a pessoa a ter a mais alta pontuação. Esse é um aspecto que contribui não apenas por trazer uma experiência que não é semelhante à realidade do grupo, como também para demonstrar que as desigualdades de classe permeiam também as relações entre pessoas próximas. Para isto, o/a educador/a deve estar aberto/a para responder as perguntas que as/os adolescentes possam fazer em relação a seu pertencimento de classe, pois ao invés de causar constrangimentos, essa situação pode ser explorada de modo a ampliar o debate sobre esse tema.

7 | Dada a complexidade do conceito de classe social, em suas várias vertentes, bem como a dificuldade de se encontrar textos de apoio com linguagem acessível e sem sim-

plificações, a condução do debate e a construção dos conceitos é um momento muito importante e requer a utilização de vários recursos pedagógicos, bem como de várias áreas do conhecimento. Por exemplo, para explicar a idéia de lucro e mais valia o/a educador/a pode propor pequenas dramatizações sobre o ciclo da produção, distribuição e consumo de mercadoria.

8 | **O exercício 3 – O lugar que a gente vive** permite às/aos adolescentes conhecer e analisar o modo como as desigualdades, opressões e injustiças se expressam nos municípios onde vivem, com ênfase nas contradições e conflitos regionais e nas dimensões rural e urbana. Uma fonte para este trabalho é o Atlas da Exclusão e também o site Cidades, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE. Pode-se explorar também as desigualdades entre mulheres e homens, a partir de dados do Censo e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/PNAD, ambos produzidos pelo IBGE⁶. Esta atividade requer do/a educador/a uma seleção de informações complementares sobre as dinâmicas sócio-econômicas dos municípios que irão ser objeto de análise, bem como a conceituação dos índices que serão utilizados para a organização dos dados.

6 | Todas as pesquisas podem ser acessadas via www.ibge.gov.br



Oficina sobre relações raciais

Objetivos

- Trabalhar as percepções e conhecimentos do grupo sobre o tema das desigualdades raciais.
- Construir conhecimentos sobre a situação racial no Brasil.
- Construir conhecimentos sobre as políticas de ações afirmativas

Material

Folhas grandes de papel madeira ou branco, pincéis atômicos de diferentes cores, fita adesiva, tarjetas ou cartelas, lápis de cera e de cor, pincéis hidrocor finos, fio barbante, papel ofício, fita adesiva, equipamento de som e CDs.

Orientações

Exercício 1

Identificando pessoas e situações

- 1.1 | Forme duplas e peça para trabalharem as situações abaixo indicando quem é a pessoa em referência (sexo, classe social, raça , faixa etária).
- Situação A**
Uma pessoa saiu de casa às 5 horas da

SEXO		CLASSE		RAÇA			FAIXA ETÁRIA				
Homem	Mulher	Pobre	Média Rica	Negra	Branca	Amarela	Criança	Adolescente	Jovem	Adulto	Idoso

manhã com um filho de 6 meses, pegou dois ônibus e ficou na fila do posto de saúde durante 3 horas e não conseguiu ser atendida.

Situação B
Uma pessoa estudou até a 4ª série do ensino fundamental, é casada pela 3ª vez, tem 5 filhas/os e vende bebida na praia durante os finais de semana. Nos outros dias faz qualquer serviço que aparecer.

Situação C
Uma pessoa foi para um baile funk e quando saiu foi revistada pela polícia.

Situação D
Uma pessoa fez vários cursos de pós-graduação em engenharia e hoje ocupa um cargo de direção numa grande empresa.

Situação E
Uma pessoa estava com uma turma numa loja de roupa de um shopping. Quando a turma ia saindo, a vendedora pediu para revistar a bolsa dessa pessoa.

Situação F
Uma pessoa trabalha numa empresa e todos os dias tem que levar as/os filhas/os para

aula de inglês, natação e basquete, além levá-las/os também para a escola.

1.2 | Cada uma das duplas apresentará os resultados de seus trabalhos.

1.3 | Apure com ajuda da grade acima os resultados de todos os grupos

1.4 | Faça um cartaz com os perfis finais. A identidade das pessoas em cada situação será a que obtiver o maior número de respostas.

Identidade da pessoa A:
Identidade da pessoa B:
Identidade da pessoa C:
Identidade da pessoa D:
Identidade da pessoa E:
Identidade da pessoa F:

1.5 | Debates

Exercício 2

As desigualdades raciais no Brasil

2.2 | Forme grupos para analisar as tabelas contendo dados sócio demográficos a partir das seguintes questões:

Quais os dados que lhes chamaram mais a atenção? Por que?

Para vocês, quais são as principais causas dessa situação?

Se vocês fizessem parte do governo brasileiro, o que vocês fariam para mudar essa situação?

2.3 | Apresentação dos trabalhos e debate.

Exercício 3

Ações afirmativas

3.1 | Forme cinco grupos e distribua as situações problemas entre eles, de modo que cada grupo fique apenas com uma situação para analisar. Se o grupos forem muito grandes, faça 10 subgrupos repetindo uma vez cada situação.

a) Pedro tem 18 anos, é negro, estudou em colégio particular cuja mensalidade era de R\$ 600,00. Fez vestibular para Desenho Industrial – que tem apenas 36 vagas – ob-

tendo o 68º lugar. Como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) possui o sistema de cotas para negras/os, Pedro foi aprovado.

Questão: Se você fosse Pedro, consideraria que sua aprovação foi justa? E quando comessem as aulas, iria sentir algum constrangimento? Por que?

b) Tereza é branca, tem 18 anos e estudou em colégio particular cuja mensalidade era R\$ 600,00. Prestou vestibular para Comunicação Visual (36 vagas) e ficou com o 35º lugar. Como a UERJ possui sistema de cotas, Tereza não entrou na Universidade.

Questão: Se você fosse Tereza, consideraria essa situação justa? Iria pensar em processar a Universidade? Por que?

c) Diego tem 18 anos, é considerado branco pela maioria das pessoas e estudou em escola particular. Prestou vestibular para Medicina (60 vagas) na UERJ e obteve o 120º lugar. Acontece que quando fez sua inscrição, Pedro informou que era negro e, como o que vale na declaração de cor/raça é o que a própria pessoa diz, ele foi aprovado para o curso de medicina.

Questão: Se você fosse Diego, consideraria que sua aprovação foi justa? Iria se sentir constrangido quando comessem as aulas? Por que?

d) Patrícia tem 20 anos, é negra e estudou em escola pública a vida inteira. Já havia tentado entrar para a universidade duas vezes, sem conseguir ser aprovada no curso de Arquitetura. Esse ano, como a UERJ instituiu as cotas para negras/os, Patrícia foi aprovada, mesmo tirando 21 pontos a menos que o necessário para a classificação, caso não houvesse a política de cotas.

Questão: Se você fosse Patrícia, ira considerar que sua aprovação foi justa? E quando comessem as aulas, iria sentir algum constrangimento? Por que?

3.2 | Não leia as situações em voz alta, pois é importante que os grupos não conheçam neste momento as demais situações analisadas. Vá em cada um dos grupos fazer a leitura e esclarecer dúvidas.

3.3 | Apresentação dos resultados e debates.

Comentários

1 | Como pode ser observado, concentramos nossas análises apenas na perspectiva das questões raciais, não incluindo étnicas. Isto se deu em função da realidade dos grupos com os quais trabalhamos.

2 | O exercício 1 deve ter como foco a dimensão racial. Contudo, ele permite uma ar-

ticulação com os temas tratados nas oficinas anteriores, gênero e faixa etária e classe. Isto significa que este exercício permite uma síntese de todas as estruturas e dinâmicas construtoras das desigualdades na sociedade.

3 | Esta oficina permite ainda articular o tema das identidades, dado que esta questão é, por vezes, muito sensível na experiência dos/as adolescentes de baixa renda. É preciso, portanto, uma condução de debates muito atenta e delicada.

4 | Os debates sobre ações afirmativas tendem em geral a serem complexos e por vezes surpreendentes, pois muitas/os adolescentes negras/os têm dificuldade de entender o mecanismo da ação afirmativa, tratando-a como um “favor” e um desmerecimento. É importante que o/a educador/a faça um resgate das lutas dos movimentos sociais, bem como reforce as condições desiguais em que a população negra tem vivido na nossa sociedade.

5 | Caso a oficina seja realizada em comunidade quilombola, poderá ser aplicada uma pesquisa prévia com perguntas que tratem da realidade da comunidade, tais como: saber sua origem, história da comunidade, do que vivem, como vivem, qual relação com sua identidade de raça, etc.

6 | Nesta oficina poderão ser utilizados

vários tipos de recursos pedagógicos complementares, a exemplo de exibição de vídeo sobre a história da escravidão do Brasil e a resistência negra contra a escravidão, ou a exibição do filme AMISTAD⁷.



7| Fundação Joaquim Nabuco - Massangana. 500 Anos: o Brasil Colônia na TV. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Massangana, 2004. (V. 1 e 2). SPIELBERG. Steven (Dir.). Amistad. EUA:Universal,

Oficina sobre direitos sexuais e reprodutivos

Objetivos

Possibilitar reflexões sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos enquanto direitos humanos

Possibilitar acesso a informações e produção de análises sobre a constituição dos direitos sexuais e direitos reprodutivos para o usufruto, garantia e acesso destes no cotidiano de vida das/os adolescentes.

Material

Folhas grandes de madeira ou 40kg para cartazes, pincéis atômicos, fita adesiva e tarjetas.

Orientações

Exercício 1

Chuvas de idéias

1.1 | Iniciar a oficina com uma introdução sobre **noções de direitos**. Fazer uma tempestade de idéias, perguntar o que as/os adolescentes entendem por direitos. E quais os tipos de direitos que conhecem.

1.2 | Em seguida, faça uma exposição dialogada sobre: direitos, direitos humanos,

direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Exercício 2

Tomando posição

2.1 | Forme pequenos grupos e distribua um conjunto de frases referentes à vivência dos direitos sexuais e direitos reprodutivos. Para cada uma delas, o grupo deverá se posicionar utilizando as categorias e argumentar suas respostas. Desenvolvendo argumentos que justifique suas respostas: **se concorda, se concorda em parte ou não concorda**.

a) União/relacionamento entre casais do mesmo sexo masculino e feminino.

b) A sexualidade é vivida somente por pessoas que mantêm um relacionamento fixo.

c) Filhas/os de casais dos mesmos sexos devem conviver com filhas/os de casais de sexos diferentes.

d) Assim como os homens, as mulheres podem ter várias/os parceiras/os.

e) Todo casal, obrigatoriamente, deve ter filhas/os.

f) Quando a mulher engravida, ela tem obrigação de levar a gravidez adiante.

g) O homem deve definir a quantidade de filhas/os que o casal deve ter.

h) A mulher é quem deve definir quantas/os

filhas/os o casal deve ter.

2.2 | Após a apresentação dos grupos e o debate em plenária, o/a educador/a deverá reforçar as reflexões a partir dos conteúdos históricos sobre os direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Exercício 3

Bingo

3.1 | Divida o coletivo em dois grandes grupos que responderão as perguntas elaboradas em cartelas relativas às questões dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos.

3.2 | As cartelas deverão ser fotocopiadas com duplicidade. Os dois grupos receberão os mesmos tipos de cartelas, e realizarão, simultaneamente, em duas colunas, a montagem com as cartelas que apresentam frases sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos.

3.3 | Vencerá o grupo que ganhar mais pontos nas respostas certas.

3.4 | Deverá ser marcado um tempo para a montagem das cartelas em duas colunas – direitos sexuais e direitos reprodutivos.

3.5 | Após a visualização, haverá argumentações ou esclarecimentos, se houver erros ou dúvidas.

Propostas de frases

na elaboração do bingo.

São direitos de mulheres e homens viver sua vida sexual da maneira que lhes convier e livre de qualquer discriminação social.

Sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos. Livre expressão dos desejos.

Viver a sexualidade independente do estado civil, idade ou condição física.

Escolha da/o parceira/o sexual sem discriminações e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual, se assim desejar.

Viver a sexualidade livre de violência, discriminação e coerção e com respeito pleno de integridade corporal da/o outra/o.

Prática sexual segura para prevenir gravidez não desejada, dsts e hiv/aids.

Direito básico de todo casal e de mulheres e homens de decidir, livre e responsavelmente, sobre o número, espaçamento e a oportunidade de ter filhas/os e de ter informação e os meios de assim o fazer, gozando do mais elevado padrão de saúde sexual e reprodutiva.

Decisão sobre querer, ou não, ter filhas/os,

em que momento de suas vidas e quantos filhas/os desejam ter.

Tomar decisões sobre a reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência.

Homens e mulherem participarem com iguais responsabilidades na criação dos/as filhas/os, adoção e tratamento da infertilidade.

Comentários

1 | Durante as discussões, o/a educador/a deverá ajudar o grupo a relacionar as questões apresentadas com o conhecimento sobre os DHESCA – Direitos Humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais.

2 | É importante que a/o educadora/or estude e busque textos subsídios sobre direitos, direitos humanos e direitos sexuais e direitos reprodutivos, sua história, origem, contextos políticos, etc.



Oficina sobre corpo

Objetivo

Refletir sobre a passagem do tempo e as mudanças que provocam em nossos corpos.

Possibilitar informações sobre fisiologia e anatomia humana.

Material

Folhas grandes de madeira ou 40kg para cartazes, pincéis atômicos, fita adesiva, argila, massa de modelar, resma de papel ofício, equipamento de som e CDs de músicas instrumentais.

Material de Apoio

Kit corpos anatômicos
Cópias da música **Abril**, de Adriana Calcanhoto

Orientações

Exercício 1

Experimentando o corpo

1.1 | Inicie a oficina com a realização de exercícios corporais, proporcionando um ambiente agradável para que as/os adoles-

centes descubram e se reencontrem com as diversas sensações e movimentos do corpo. Com música ambiente, solicitar:

Em círculo, mãos dadas sentir a presença e a energia da/o outra/o do lado, na roda...

Em círculo, massagear as costas da/o amiga/o que está na sua frente

Estender os braços para o centro da roda, abaixar, levantar... Em ritmos lentos e depois em ritmos acelerados.

Soltar as mãos, abaixar o tronco, relaxar os braços, movimentar os quadris...

Respirar profundamente... Sentir a respiração lenta, acelerada....

Caminhar, sentir diversas sensações... Andando na chuva, caminhando sobre brasas, caminhando sob o calcanhar, caminhando sob areia bem macia, caminhando sobre pequenas pedras descalça/o...

Sentir a movimentação do corpo, dançar aceleradamente... Dançar juntas/os, em duplas, trios, etc...

1.2 | Após a realização dos exercícios corporais, faça uma roda aberta de conversas a partir das seguintes perguntas:

Quais as sensações que estamos sentindo no nosso corpo?

Quais as dificuldades que sentimos de fazer os exercícios? O que motiva essas dificuldades?

Quais as facilidades que sentimos de fazer os exercícios? O que motiva essa facilidade?

No dia-a-dia, temos facilitado o exercício, os movimentos do nosso corpo?

Exercício 2

Os usos do corpo

2.1 | Peça para que cada um/a responda, individualmente, as seguintes questões:

a) O que eu faço com o meu corpo que é bom?

b) O que eu faço com meu corpo que é ruim?

c) O que fazem como o meu corpo que é bom?

d) O que fazem com o meu corpo que é ruim?

2.2 | Peça que as pessoas, em trios, compartilhem as respostas e montem um cartaz com o resultado do grupo.

2.3 | Apresentação e debates.

Exercício 3

Conhecendo o corpo

3.1 | Distribua argila ou massa de modelar para que as/os participantes construam a **estrutura dos corpos** de um **Homem** e de uma **Mulher**.

3.2 | Cada pessoa apresentará a sua escolha, conversando sobre o que há de comum e o que há de diferente entre os corpos masculino e feminino.

3.2 | Faça uma exposição dialogada, explicando sobre a estrutura e funcionamento dos corpos feminino e masculino. É importante ter instrumentos de visualização. O ideal são kits anatômicos que possibilitem a montagem pelo grupo dos órgãos do corpo humano. Contudo, caso seja difícil encontrá-los, o/a educador/a poderá usar fotos de atlas anatômicos, ou mesmo fotocopiá-los e montar um kit.

Exercício 4

Me vejo o tempo todo

4.1 | Distribua a letra da música Abril. Faça a leitura coletivamente e caso tenha um aparelho de som, toque a música para o grupo ouvir.

4.2 | Peça a cada um/a que recordem como eram há 3 anos atrás.

4.3 | Faça uma rodada para ouvir e compartilhar as lembranças de cada um/a

4.4 | Distribua o roteiro de trabalho para música Abril. Em um primeiro momento, peça para que respondam individualmente as questões.

4.5 | A partir do roteiro de trabalho em plenária, debata as mudanças e permanências, não se fixando apenas nas mudanças físicas, mas também destacando as dimensões subjetivas e sociais.

Roteiro de questões:

a) Quando eu leio esses versos, o que me vem à cabeça é ...

b) Quando eu leio esses versos, o sentimento que bate é...

c) O tempo me aperta quando...

d) Gosto mais de hoje porque...

e) Inventei um jeito novo para...

f) Eu queria ficar sempre...

g) É assim que eu me vejo mais tarde...

h) As/os velhas/os sabem e eu não sei sobre...

i) Eu sei que o tempo marcou minha pele (corpo) quando vejo...

j) Eu faço girar o mundo quando...

l) Os disfarces do tempo que eu conheço são...

m) Tudo recomeça todas as vezes quando...

n) Os sentimentos que me batem quando leio “me vejo o tempo todo começar de novo e ser tudo pela frente” são...

Letra da música

Abril

(Adriana Calcanhoto)

Sinto o abraço do tempo apertar
E redesenhar minhas escolhas
Logo eu que queria mudar tudo
Me vejo cumprindo ciclos
Gostar mais de hoje e gostar disso

Me vejo com seus olhos o tempo
Espero pelas novas folhas
E imagino jeitos novos
Para as mesmas coisas

Logo eu que queria ficar
Pra ver incorporarem os caules

Lá vou eu, eu queria ficar
Pra me ver mais tarde
Sabendo o que sabem os velhos
Pra ver o tempo e seu lento ácido
Dissolver o que é concreto

E vejo o tempo em seu claro-escuro
Vejo o tempo em seu movimento
Me marcar a pele fundo
Me impelindo, me fazendo
Logo eu que fazia girar o mundo
Logo eu, quem diria esperar pelos frutos

Conheço o tempo em seus disfarces
Em seus círculos de horas
Se arrastando feito meses
Se o meu amor demora

E vejo bem tudo recomeçar todas as vezes
E vejo o tempo apodrecer e brotar
E seguir sendo sempre ele

Me vejo o tempo todo
Começar de novo
E ser e ter tudo pela frente

Comentários

1 | É importante criar um clima de tranquilidade para que as/os adolescentes consigam se sentir à vontade para trabalhar.

2 | Não é possível realizar esta oficina sem um estudo e construção de informações sobre anatomia e fisiologia.

3 | Durante os debates do exercício 4, é importante explorar tanto as mudanças quanto as permanências, destacando a dimensão social e histórica do conhecimento e representação sobre o corpo.

4 | Recomendamos articular os debates desta oficina com os temas das relações de gênero, classe e raça.



Objetivo

Possibilitar espaços de reflexões sobre a vivência da sexualidade e sua relação com a construção de direitos , saúde e autonomia das/os adolescentes.

Material

Folhas grandes de papel madeira ou 40kg para cartazes, pincéis atômicos, fita adesiva, caixinha para colocar as perguntas, resma de papel ofício e canetas.

Orientações

Exercício 1

Tudo o que você queria saber sobre sexualidade / sexo e nunca teve oportunidade de perguntar...

1.1 | Disponibilize uma caixinha e solicite que cada adolescente formule uma ou mais perguntas sobre sexo/sexualidade e deposite dentro dela.

2.1 | No grande grupo, o/a educador/a organiza as perguntas por bloco e vai respondendo as questões.

Exercício 2

O que sei, sinto, penso, duvido

2.1 | Peça às/aos adolescentes para refletir individualmente sobre as seguintes questões:

O que você pensa sobre homossexualidade?

Você acredita que as pessoas nascem homossexuais?

Você acredita que no decorrer da vida as pessoas podem mudar sua orientação sexual?

O que a sua família pensa sobre a homossexualidade?

O que a comunidade onde você mora pensa da homossexualidade?

O que suas amigas e seus amigos pensam da homossexualidade?

O que o Brasil pensa da homossexualidade?

Como você reagiria se a sua mãe fosse homossexual?

Como você reagiria se o seu pai fosse homossexual?

Como você reagiria se a sua irmã fosse homossexual?

Como você reagiria se o seu irmão fosse homossexual?

E se você começasse a se interessar por uma pessoa do mesmo sexo, o que faria?

2.2 | Peça às/aos adolescentes que formem pequenos grupos para compartilhar suas reflexões e elaborar uma síntese coletiva com os consensos e também com as divergências surgidas no debate entre eles/as.

2.2 | Apresentação dos grupos e debates.

Exercício 3

Sexo seguro

3.1 | Faça uma roda de conversa trabalhando as seguintes questões :

a) O que entendemos por prevenção ?

b) Quais são as atitudes preventivas que conhecemos ?

c) Qual é a relação entre prevenção e sexualidades ?

d) O que são as doenças sexualmente transmissíveis ?

e) O que é Aids ?

f) Quais as formas de transmissão do HIV/Aids ?

g) Qual é a importância de usar a camisinha masculina e/ou a camisinha feminina?

3.2 | É importante que em cada rodada, o/a educador/a apresente às/aos adolescentes as informações necessárias utilizando, para isto, vários recursos pedagógicos.

3.3 | Peça para o grupo fazer uma demonstração do uso das camisinhas masculina e feminina. É necessário ter disponível modelos anatômicos da vagina e do pênis, ou similares, e camisinhas.

Exercício 4

Representando

4.1 | O grupo deverá fazer representações teatrais a partir das seguintes situações:

Um adolescente convencendo a namorada a usar o preservativo.

Uma adolescente convencendo o namorado a usar o preservativo.

Um adolescente convencendo o namorado a usar o preservativo.

Uma adolescente convencendo a namorada a usar o preservativo.

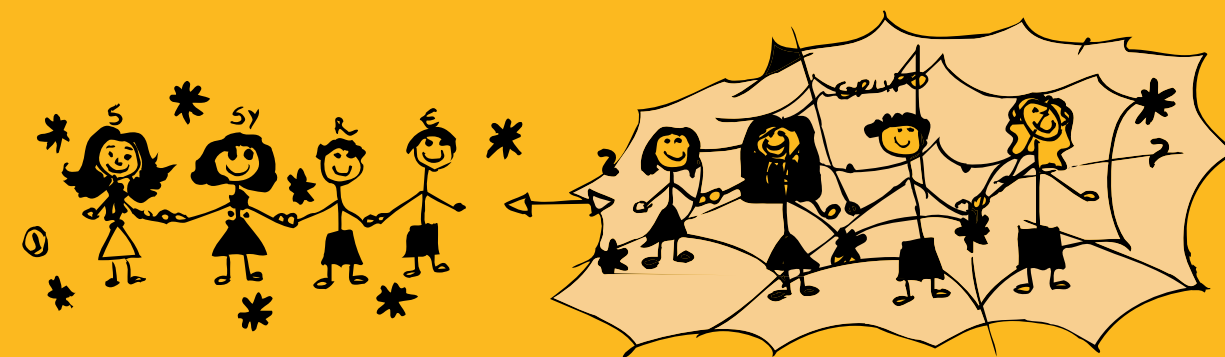
Uma roda de amigas/os conversando sobre o que é legal e o que é difícil no uso das camisinhas masculina e femininas.

4.2 | Apresentação dos grupos e debate.

Comentários

1 | As respostas às perguntas do **exercício 1** sobre sexo e sexualidade geralmente são bastante diversas. Assim, o/a educador/a deverá estar atento/a para esclarecer todas as dúvidas, bem como para comentar os estereótipos de gênero no campo da sexualidade.

2 | No diálogo sobre sexo seguro, a ênfase deve ser dada na importância das/os adolescentes terem acesso a informações de prevenção. Este tema será aprofundado na oficina sobre métodos contraceptivos para a prática do sexo seguro.



b) Nos momentos de memorização, avaliar o grupo
* com o grupo, nos trabalhos (exercício), as
conversas fora do exercício.
* Quando ela está fazendo os exercícios, está
ordenando.
* Quando eles não querem fazer os exercícios,
* sentimento
união

Oficina sobre contracepção

Objetivo

Possibilitar às/aos adolescentes, informações sobre os métodos contraceptivos e de prevenção, e a prática do sexo seguro.

Material

Folhas de papel madeira ou 40kg para confecção de cartazes, pincéis atômicos, papel ofício, tesouras e cola.

Orientações

Exercício 1

Contracepção

1.1 | Encaminhar um trabalho em grupos sobre:

O que é contracepção?

Quais os métodos contraceptivos que vocês conhecem?

Quais os métodos de contracepção masculinos que vocês conhecem?

Quais os métodos de contracepção femininos que vocês conhecem?

1.2 | Apresentação dos grupos e debates.

Exercício 2

2.1 | O/A educador/a deverá apresentar um histórico sobre os métodos contraceptivos.

2.2 | Após o histórico o/a educador/a deverá apresentar os kits de contracepção e sexo seguro para que as/os adolescentes os conheçam e tenham informações sobre o uso do preservativo feminino e masculino. Neste momento, é importante dar um panorama sobre a epidemia da Aids no mundo e no Brasil.

2.3 | Encerrando a oficina, o/a educador/a deverá pedir para que, em grupos, as/os participantes apresentem pequenas histórias que retratem o direito à prevenção.

Comentários

1 | Neste momento, é importante formular questões que provoquem o debate sobre saúde, reprodução e contracepção, métodos e prevenção às DST – doenças sexualmente transmissíveis - e HIV/Aids, contextualizando-as no campo **dos direitos sexuais e direitos reprodutivos**. É muito importante dar ênfase ao vírus HIV e à Aids, apresentando breve histórico da síndrome no Brasil: o que é, como chegou ao país, como se transmite

e como não se transmite. Também é importante informar os dados estatísticos sobre a Aids no Brasil e no mundo, com índices sobre a situação das mulheres e de jovens.

2 | As perguntas provocadoras não devem ser necessariamente as que aqui sugerimos. A idéia é motivar o debate e, para isto, poderão ser elaborados textos, materiais pedagógicos, subsídios, estudos que atualizem informações para tratar destas questões com as/os e adolescentes.

Oficina sobre aborto

Objetivo

Possibilitar junto às/aos adolescentes espaços de reflexão sobre aborto enquanto dimensão de constituição de direito e de saúde pública para garantia de autonomia e da vida das mulheres.

Material

Folhas de papel madeira ou 40kg para confecção de cartazes, pincéis atômicos, papel ofício, tarjetas, canetas e papel ofício.

Orientações

Exercício 1

Situação Problema

1.1 | Divida o grupo em trios para fazer análise de situações problemas. Dar a cada trio duas das situações abaixo:

Situação A

Lúcia tem 38 anos e está grávida de 8 semanas. Tem uma filha de 10 anos e vive em boas condições financeiras. Na última consulta do seu pré-natal seu médico descobriu que ela tem hipertensão grave, que não pode ser controlada através de medicamentos. O médico lhe disse que ela pode optar por

interromper a gravidez ou prosseguir com todos os riscos.

Questão: Para vocês o que ela deve fazer? Por que?

Situação B

Emília é uma garota de 17 anos, mora com a mãe e seus cinco irmãos numa casa de três cômodos. Sua mãe é diarista e Emília toma conta da casa e dos seus irmãos durante o dia e à noite ela estuda. Ela também tem um namorado que está sem trabalho. Há cinco semanas Emília descobriu que está grávida.

Questão: O que ela deve fazer? Por que?

Situação C

Isabela trabalha numa empresa e tem um cargo de chefia, mora num apartamento de três quartos junto com seu companheiro, que também tem um emprego e ganha bem. Numa das vezes que transaram tinham bebido um pouco e esqueceram a camisinha. Quatro semanas depois ela descobriu que estava grávida; ocorre que nem Isabela nem seu companheiro desejam ter filhas/os.

Questão: Qual a atitude que Isabel deve tomar? Por que?

1.2 | Apresentação dos trabalhos em grupos e debate.

Exercício 2

Realidade do aborto no Brasil

2.1 | Forme pequenos grupos para fazer a leitura de um texto sobre aborto, e aborde as dimensões históricas, políticas, sociais e econômicas. Após a leitura, peça aos grupos para responderem às perguntas.

O que leva uma mulher a praticar o aborto?

Tanto as mulheres pobres quanto as ricas fazem aborto. Contudo, o aborto vem provocando mais mortes entre as mulheres pobres do que as ricas. Por que ocorre essa diferença?

O que vocês acham que poderia ser feito para diminuir as mortes maternas decorrentes do aborto inseguro?

Para vocês o aborto deve ser legalizado? Justifique a sua resposta.

2.1 | Encerrando a oficina, os grupos deverão apresentar as respostas e o/a educador/a fomentará o debate.

Comentários

1 | O aborto é um tema sempre polêmico, cujos debates, geralmente, vêm carregados de preconceitos, medos, pontos de vistas

absolutos e calcados em concepções religiosas, dificultando ou inviabilizando a compreensão da questão no campo do direito. Mas a experiência do aborto é uma realidade quase cotidiana na vida das mulheres e também na vida dos homens, ainda que com relação aos segundos de modo irresponsavelmente indireto e silencioso. Talvez, seja exatamente o silêncio ou a interdição da fala sobre o aborto um dos elementos mais perversos na experiência e reflexão sobre este tema.

2 | Assim sendo, para nós a questão do aborto é um tema que se coloca no plano dos debates sobre direitos, cidadania e não nos campos das crenças ou práticas religiosas, dado que a adesão a uma religião é também uma escolha individual, pois vivemos em um Estado laico⁸ não podendo, por isto, ser orientado e orientar a vida das/os cidadãs/os a partir de preceitos desta ou daquela denominação religiosa.

3 | Como decorrência, os conteúdos de uma oficina sobre aborto devem ser trabalhados nas dimensões histórica, política, econômica, social e conjuntural, permitindo a elaboração e análise do tema como fazendo parte de um

8 | Estado Laico – Estado que deve estar livre e não subordinado a nenhum tipo de doutrina. Respeitar, garantir e conviver com as diferentes formas de expressão de vida das pessoas.

processo de lutas políticas das mulheres na construção de sua autonomia e efetivação de seus direitos.

4 | A adoção de tal perspectiva possibilitará às/aos adolescentes, com elementos centrais que constituem a questão do aborto na nossa sociedade, a elaboração de suas próprias reflexões, análises e decisões.

5 | Iniciamos a oficina com o exercício sobre situações problemas porque eles nos permitem conhecer a visão das/os adolescentes sobre a questão do aborto, inclusive, como elas/es entendem ou dão peso mais significativo a uma ou outra dimensão colocada nas situações. Como poderá ser observado nas situações aqui apresentadas, trabalhamos 04 variáveis básicas: risco de morte para a mulher, faixa etária, classe social e descuido na prevenção, dado que estas variáveis muitas vezes servem para justificar o SIM ou o NÃO ao aborto. Trata-se, portanto, de um momento reflexivo e analítico que possibilita a desconstrução do absoluto com o qual, comumente, se trata a questão do aborto.

6 | Um elemento importante é que as situações problemas não são construídas de modo a que as/os adolescentes se coloquem no lugar de quem vive a situação, mas sim no lugar de quem deve analisar o problema vivido por outras pessoas. Consideramos que o exercício assim estruturado possibilita às/aos adolescentes lidar com mais distan-

ciamento com os valores sociais, hegemonia e contra hegemonia.

7 | É interessante realizar esse exercício separando grupos de meninas e de meninos, na medida em que podemos observar o quanto a estrutura e a dinâmica das relações de gênero afetam a análise e a argumentação delas/es.

8 | É preciso dedicar bastante tempo para realização deste exercício, pois as argumentações e contra argumentações das/os adolescentes são os elementos básicos na construção coletiva sobre esse tema. Cabe ao/a educador/a ir acrescentando informações históricas e científicas sobre o tema, a situação do aborto no mundo, as lutas que se deram e se dão em torno desta questão.

9 | Este exercício permite trabalhar a dimensão de escolha que implica na prática do aborto. O **exercício n°2**, baseado na leitura do texto sobre o Histórico da Descriminalização do Aborto no Brasil⁹, permite análise das diferentes situações em que as mulheres praticam o aborto, com ênfase nas diferenças de classes e na insuficiência e na ineficiência do serviço público de saúde. Destaca-se

9 | O Plano Nacional, na visão de Fátima Oliveira. In: Articulando eletronicamente - Contextos. Recife: AMB-Articulação de Mulheres Brasileiras. n. 105. 21 de Dez., 2004. Pode ser acessado no site da AMB

também o quanto a ilegalidade do aborto contribui para a morte e o adoecimento das mulheres.

10 | Durante os debates decorrentes da leitura dos textos o/a educador/a pode introduzir informações sobre os métodos utilizados para prática do aborto no Brasil, tantos os seguros quantos os inseguros, explicando os modos de funcionamento e, portanto que são seguros ou inseguros.

11 | O trabalho com este texto possibilita a ênfase no debate sobre o lugar do Estado e sua responsabilidade em respeito aos direitos das mulheres, bem como em garantir as condições para o exercício do mesmo.

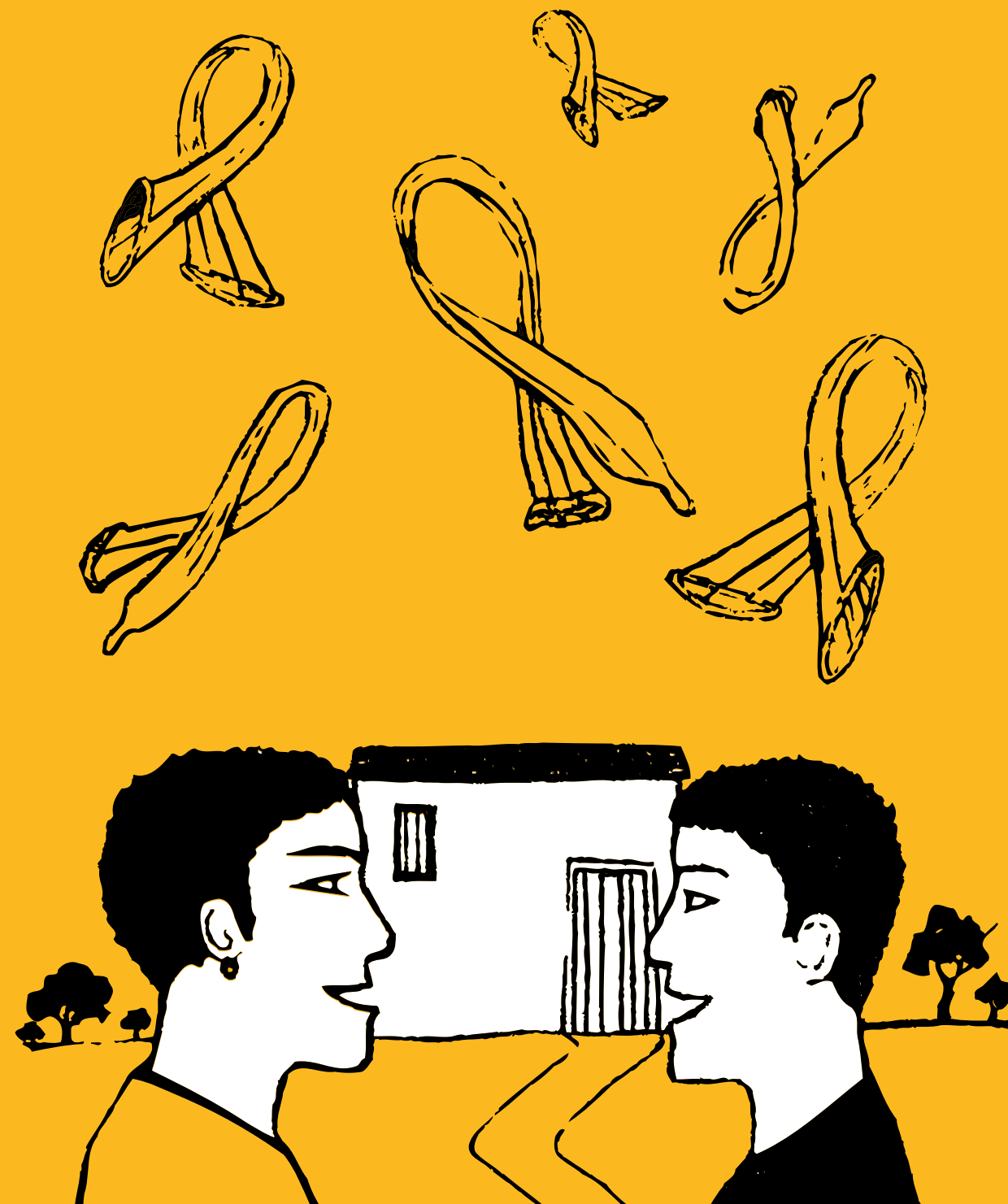
12 | O debate aberto sobre legalização do aborto é um momento de síntese, na medida em que já se trabalha a questão da escolha e do direito, sendo a legalização o processo político necessário para que a escolha se efetive em direitos. Aqui é importante que o/a educador/a tenha muita atenção para várias argumentações que podem surgir, apontando tanto suas dimensões contraditórias, quanto complementares a tal ou qual posição.

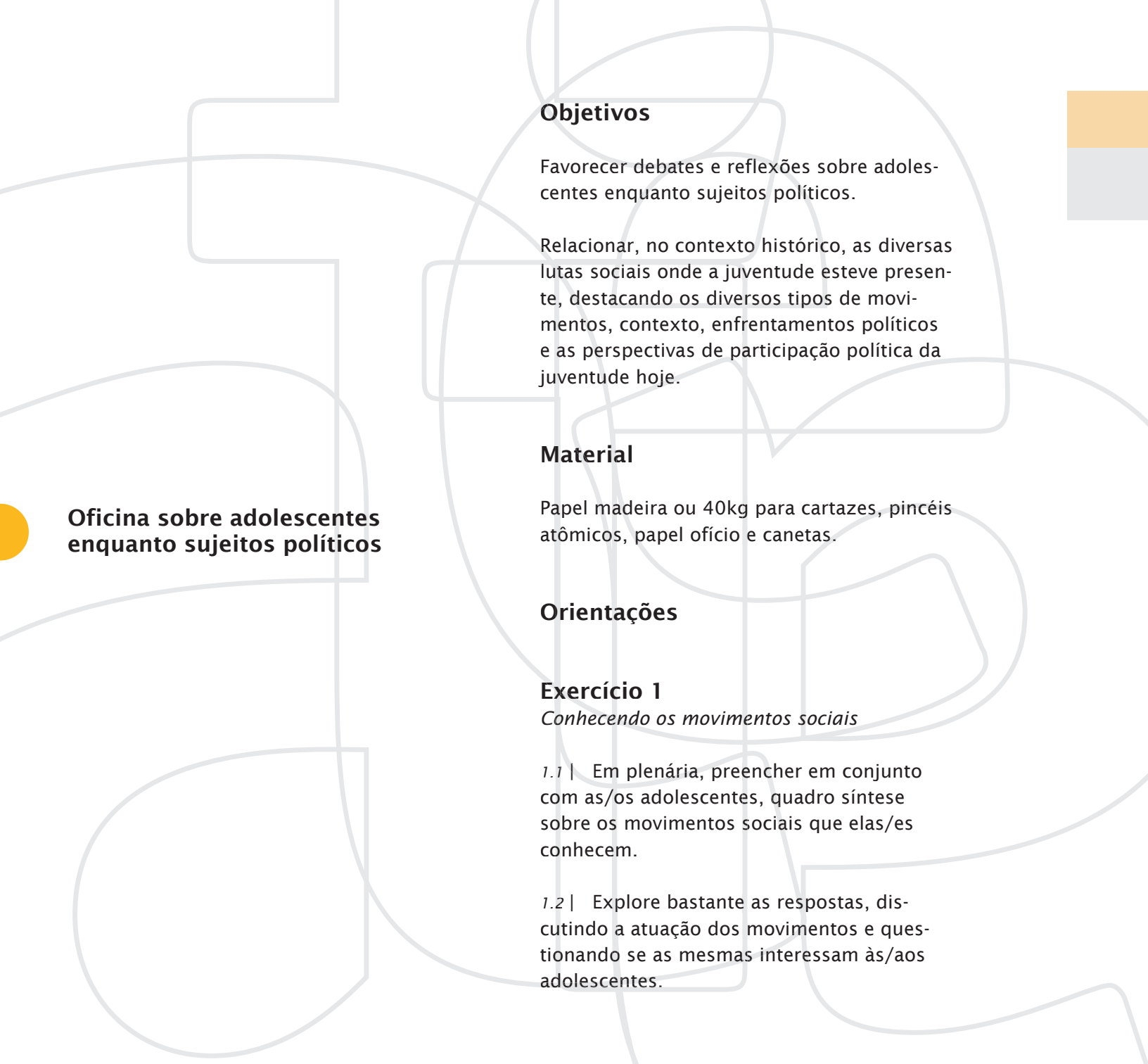
13 | É necessário ter cuidado em se fazer a distinção entre a legalização da prática do aborto e a obrigatoriedade de se fazer um aborto, pois esse argumento é muito presente no senso comum que, dada a nossa

tradição de sociedade e Estado autoritário, a lógica da lei é muitas vezes interpretada apenas como proibição ou obrigação. Também é comum que esse argumento seja utilizado com o objetivo de deturpar a perspectiva da defesa do aborto como um direito.

14 | Este exercício, ou mesmo esta oficina, não objetiva a construção de consensos coletivos sobre o tema, mas sim uma construção coletiva de conhecimentos em debate livre, informando sobre as questões do aborto.

15 | Esta oficina só pode ser realizada nos moldes aqui propostos por educadoras/es que consideram a prática do aborto uma escolha e um direito das mulheres.





Oficina sobre adolescentes enquanto sujeitos políticos

Objetivos

Favorecer debates e reflexões sobre adolescentes enquanto sujeitos políticos.

Relacionar, no contexto histórico, as diversas lutas sociais onde a juventude esteve presente, destacando os diversos tipos de movimentos, contexto, enfrentamentos políticos e as perspectivas de participação política da juventude hoje.

Material

Papel madeira ou 40kg para cartazes, pincéis atômicos, papel ofício e canetas.

Orientações

Exercício 1

Conhecendo os movimentos sociais

1.1 | Em plenária, preencher em conjunto com as/os adolescentes, quadro síntese sobre os movimentos sociais que elas/es conhecem.

1.2 | Explore bastante as respostas, discutindo a atuação dos movimentos e questionando se as mesmas interessam às/aos adolescentes.

	Nome do movimento	Quem Participa	Principais bandeiras de lutas	Principais conquistas	Principais problemas
	1				
	2				
	3				

Exercício 2

Conhecendo as lutas juvenis

2.1 | Forme pequenos grupos para a leitura de um texto que trata da história das lutas juvenis. Sugerimos, por exemplo – História das Lutas Juvenis¹⁰. A leitura deve ser guiada pelas seguintes questões:

- a) O que você achou do texto?
- b) O que mais lhe chamou a atenção? Por que?
- c) Você se identificou com essa história? Por que?

10| Curso para Lideranças Juvenis do Nordeste Brasileiro. Recife: EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares, [s.d.]. p.5 (Módulo 02 - A Metodologia na História das Lutas Juvenis). Curso para Lideranças Juvenis do Nordeste Brasileiro. Recife: EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares, [s.d.]. p. 10 – 17 (Módulo 04 – Movimentos Sociais Libertários). – www.articulacaodemulheres.org.br

Exercício 3

Construindo movimentos

3.1 | Nos mesmo grupos anteriores apresentar a atividade: Se vocês fossem organizar um movimento para tratar das questões e problemas da adolescência e juventude:

Quais seriam os temas principais?

Quais seriam os objetivos?

Quais seriam as palavras de ordem que vocês inventariam?

Como vocês se organizariam?

Com quais outros movimentos vocês iriam se articular?

Se vocês fizessem parte do governo brasileiro, o que fariam para mudar a vida dos jovens e adolescentes?

3.2 | Apresentação dos grupos e debate.

Comentários

1 | Para nós, o significado do trabalho com adolescentes está no sentido de reforçá-las/os enquanto sujeitos sociais, cidadãs/ãos que, pessoal ou coletivamente, participam de ação política com iniciativas, seja no âmbito local de sua comunidade, ou no lugar social em que fazem ou provocam intervenção social, na escola, nos grupos organizados. Seja ainda em iniciativas para garantir acesso a informações, serviços e assistência no usufruto de seus direitos, enquanto processo de transformação da sociedade e, por conseguinte, de construção de sujeito individual e sujeito coletivo.

2 | No decorrer das discussões sobre o resgate histórico dos movimentos juvenis de décadas anteriores e os de hoje, a idéia é não se limitar ao aspecto comparativo, mas reforçar o entendimento de que assim como mudam os movimentos, também mudam os tipos de atuação e práticas das juventudes ou dos movimentos de adolescentes.

3 | Reforçamos também a idéia de que juventude e adolescência são compreendidos de forma pluralizada: não estamos falando de uma única juventude ou adolescente, um único jeito de fazer movimento, tampouco de um modelo metodológico que deve ser seguido. Apostamos que tanto as/os jovens quanto as/os adolescentes têm potencialidades transformadoras e de organização social, são estas/es enquanto sujeitos políticos, as/os responsáveis por sua própria história de participação política.

4 | Também é importante reforçar as tipologias de lutas dos movimentos juvenis como parte integrante dos movimentos sociais, ou seja, mostrar que existem movimentos que se mobilizam e se articulam por garantia de direitos, promovem passeatas, pressionam os órgãos públicos e governos, realizam conferências, se articulam em movimentos com caráter de atuação municipal, estadual e nacional, se organizam em Redes, Fóruns.

5 | A participação política é, portanto, a referência da **ação** que se traduz em iniciativas políticas e educativas de transformação social, mas também em ações que se revertem em coerência nas atitudes, valores e comportamentos das pessoas.



Referências bibliográficas

ABEP-Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: ABEP, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha explica).

Católicas pelo direito de decidir. **Queremos mais: comida diversão e arte** - Campanha por uma uma convenção dos direitos sexuais e reprodutivos. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2005. 20 p.

EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares. **Curso para Lideranças Juvenis do Nordeste Brasileiro**. Recife: EQUIP, [s.d.]. p.5 (Módulo 02 - A Metodologia na História das Lutas Juvenis).

EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares. **Curso para Lideranças Juvenis do Nordeste Brasileiro**. Recife: EQUIP, [s.d.]. p. 10 - 17 (Módulo 04 - Movimentos Sociais Libertários).

EDUCAÇÃO popular em diálogo com outras metodologias. [s.d.]. mimeo.

GOUVEIA, Taciana et al. **Práticas Sexuais e prevenção na adolescência**. 2ª ed. Recife: SOS Corpo - Gênero e Cidadania, Abr. 2000. 85 p. (Projeto Direitos Sexuais e Reprodutivos nas escolas).

GOUVEIA, Taciana; CAMURÇA, Sílvia. **O que é gênero**. 2 ed. Recife: SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 2004. 35 p.

GUIA Metodológico – Material de apoio em saúde sexual e reprodutiva com enfoque de gênero. Equipe técnica dos Centros CAIF, [s.d.]. mimeo.

Grupo Técnico para Elaboração de Propostas de Políticas Públicas para Adolescentes de Baixa Escolaridade e Baixa Renda. **Adolescência, escolaridade, profissionalização e renda. Proposta de políticas públicas para adolescentes de baixa escolaridade e baixa renda**. São Paulo: Ação Educativa, dez. 2002.

JARA, Oscar. **Desafio de teorizar sobre a prática para transformar. Educação popular em diálogo com outras metodologias**. [s.d.]. mimeo.

LYRA, Flávio. **Trocando idéias sobre educação popular**. Recife: EQUIP – Escola de Formação Quilombo dos Palmares, 2000. (texto elaborado a partir de exposição apresentada na 1a. Etapa do Curso em Educação Popular).

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. 236 p.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (org.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003. 221 p.

PORTELLA, Ana Paula. Direitos Reprodutivos e HIV/AIDS. In: MAKSDUD, Ivia et al. (Orgs.). **Conjugalidade e AIDS: a questão da soro-discordância e os serviços de saúde**. Rio de Janeiro: ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2002. p. 63-67.

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. **Idéias e Dinâmicas para trabalhar com gênero**. 2. Recife: SOS CORPO, 1999. 256 p. (Metodologia SOS CORPO).

PRADO, Joana (Org.) **Entre linhas: para ler e escrever sobre sexo, prazer e poder**. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, mar. 2004.

SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia. **Relatórios e roteiros das oficinas do Projeto ATEIA** – arquivos do SOS CORPO (2003 e 2004). Recife:SOS CORPO, 2004.

SOS CORPO –Instituto Feminista para a Democracia. **Série Saúde Preventiva – Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**. n.5. Recife: SOS CORPO , 2001.

